

LIBERTANDO A VIDA
**A REVOLUÇÃO DAS
MULHERES**

Abdullah Öcalan





ABDULLAH ÖCALAN

LIBERTANDO A VIDA:
A REVOLUÇÃO DAS MULHERES

(TRADUÇÃO SÉRGIO GRANJA)





PSOL
PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE

| | |
|---|---------------------------|
| <i>Presidente</i> | Luiz Araujo |
| <i>Secretário-geral</i> | Fernando Silva |
| <i>2ª Secretária-geral</i> | Araceli Lemos |
| <i>Secretário de Finanças</i> | Israel Pinto Dutra |
| <i>2ª Secretária de Finanças</i> | Zeneide Nazaré Dos Santos |
| <i>Secretário de Organização</i> | Leandro Martins Costa |
| <i>2ª Secretária de Organização</i> | Tetê Monteiro |
| <i>Secretária de Comunicação</i> | Albanise Pires |
| <i>2ª Secretária de Comunicação</i> | Brenna Paula Tavares |
| <i>Secretário de Mov. Sociais</i> | João Carlos Dantas |
| <i>2ª Secretária de Mov. Sociais</i> | Luciete Maria da Silva |
| <i>Secretário de Rel. Internacionais</i> | Francivaldo Mendes |
| <i>2º Secretário de Rel. Internacionais</i> | Edilson Silva |
| <i>Secretária de Rel. Institucionais</i> | Mariana Costa Riscali |
| <i>2º Secretário de Rel. Institucionais</i> | Michel Oliveira Lima |
| <i>Secretária de Formação</i> | Zilmar Averita |
| <i>2ª Secretária de Formação</i> | Tárzia De Medeiros |



FUNDAÇÃO LAURO CAMPOS

| | |
|------------------------------|--------------------|
| <i>Presidente</i> | Juliano Medeiros |
| <i>Diretor Financeiro</i> | Lucas Van Ploeg |
| <i>Diretor Técnico</i> | Gilberto Maringoni |
| <i>Tradução</i> | Sérgio Granja |
| <i>Produção Editorial</i> | José Ibiapino |
| <i>Revisão</i> | Soraya Misleh |
| <i>Capa</i> | Cláudio Zamboni |
| <i>Editoração Eletrônica</i> | Zaha Comunicação |



Copyright © by 2016 Fundação Lauro Campos

1ª edição 2016 (Fundação Lauro Campos)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O15L

Öcalan, Abdullah.

Libertando a vida : a revolução das mulheres / Abdullah Öcalan ;
tradução de Sérgio Granja – São Paulo : Fundação Lauro Campos, 2016.
79 p.; 14 x 21cm

Título original: Liberating life : woman's revolution.

ISBN 978-85-61475-03-1

1. Feminismo – Revolucionárias. 2. Mulheres – Curdistão. 3. Abdullah Öcalan – Visão política. 4. Curdos – Oriente Médio. 5. Síria – Política. I. Öcalan, Abdullah; II. Simeão, Denise; III. Henriques, Frederico; IV. Título.

CDU: 396.9(556)

CDD: 305 (22ª)

Bibliotecária Responsável: Patrícia Oliveira CRB-8/9415

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Prefácio à edição brasileira | 8 |
| Apresentação | 16 |
| Introdução de International Initiative | 24 |
| 1. Prólogo | 27 |
| 2. A revolução das mulheres: a era neolítica | 30 |
| 3. A primeira grande ruptura sexual | 35 |
| 4. Como se enraizou a autoridade patriarcal | 40 |
| 5. Toda escravidão se funda na conversão da mulher em dona de casa | 43 |
| 6. A segunda grande ruptura sexual | 47 |
| 7. Família, dinastia e Estado | 51 |
| 8. A situação das mulheres na sociedade curda | 56 |
| 9. O capitalismo | 58 |
| 10. A economia | 62 |
| 11. Matar o macho dominante: começando a terceira grande ruptura sexual | 65 |
| 12. Jineolojî: a ciência da mulher | 69 |
| 13. A modernidade democrática: a era da revolução das mulheres | 73 |
| Sobre o autor | 78 |
| Sobre International Initiative | 79 |

A libertação das mulheres é uma revolução dentro da revolução

Denise Simeão*

*“Somos roseiras nos vinhedos do
paraíso do Oriente/ somos o sol que
arde na escuridão da noite”
[Cegerxwin, poeta curdo]*

A libertação da cidade de Kobane das mãos do Estado Islâmico (Isis), no início de 2015, na Síria, jogou luz sobre as combatentes curdas e provocou muitas indagações. Quem eram essas mulheres? Como se organizavam numa região da qual os países ocidentais só têm notícias da extrema opressão praticada contra as mulheres?

As respostas mais comuns eram de que as milícias de resistência precisavam de reforço ou de que não era aceitável para os jihadistas serem mortos por uma mulher, provocando o recuo do Isis.

Nenhuma dessas alegações, entretanto, alcança o cerne da questão do que vem se revelando do povo curdo, em geral, e das mulheres curdas, em particular. Não se trata apenas de autodefesa. É uma luta emancipatória. Há uma interessante concepção que foi sendo gestada no interior da revolução social curda e que merece ser incluída nos debates dos que estão ávidos por construções de alternativas ao atual modelo hegemônico civilizatório. Uma proposição que se contrapõe à ideia do não Estado, por meio de territórios autônomos, e cujos pilares são a participação popular, a ecologia social e, fundamentalmente,

a libertação das mulheres como essencial para uma mudança na sociedade em seu caráter opressor global. É o que o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK) e o autor Abdullah Öcalan, um de seus principais líderes, preso na Turquia desde 1999, passaram a denominar confederalismo democrático.

Embora o tripé democracia/ecologia/feminismo seja parte inextrincável dessa concepção de mundo, este livro editado pela Fundação Lauro Campos, traduzido da publicação da International Initiative, reúne extratos de escritos na prisão de Öcalan que centram fundamentalmente num dos aspectos: o da libertação da mulher.

Abdullah Öcalan faz isso desde um ponto de vista histórico, mas que ultrapassa a necessidade de reconstrução narrativa da história do povo curdo, e o faz a partir de uma perspectiva revolucionária. O autor coloca a liberdade como questão central na história da humanidade, analisando o esquema de dominação desde a Suméria e sua evolução no terreno ideológico, coercitivo e econômico. Essa liberdade, que foi retirada da mulher, tem sua perda expressa em toda a sociedade, pois ele entende que a escravidão da mulher abriu caminho para toda e qualquer escravidão. É o germe de todas as outras formas de opressão.

Remontando à era neolítica, anterior à civilização estatal, quando as sociedades eram matriarcais, Öcalan apresenta um cenário baseado numa produção humanitária e harmoniosa com a natureza, na vida em comunidade, sem hierarquias institucionalizadas. O que se seguiu com a cultura da guerra, o papel da caça e a construção do mito em torno da força, ideologicamente alimentada por certa fundamentação religiosa, produziu não apenas a perda de influência das mulheres, mas constituiu uma sociedade de novo tipo, baseada na hierarquia, na coa-

ção, na acumulação em torno do produto excedente e na ideia da propriedade privada. Ao estabelecimento dessa sociedade patriarcal, Abdullah Öcalan chama de primeira ruptura sexual, que converte a mulher em dona de casa, restrita ao espaço privado, quase invisível.

Em seus escritos, Abdullah Öcalan define como segunda ruptura sexual o surgimento e predominância das religiões monoteístas. A multiplicidade de deusas e deuses passou a dar lugar a um deus todo poderoso universal e tornou divina a inferioridade das mulheres.

Importante notar que embora Öcalan defenda que há uma ética singular feminina e uma inteligência emocional ligada à vida, e atribua características aos homens como possessivos e vis, que pode ser criticada por algumas vertentes teóricas como reforço de estereótipo de gênero, ele reconhece que as identidades de gênero que conhecemos hoje são construções sociais e formadas depois do homem e da mulher biológicos. Nesse sentido, a conclusão evidente é a de que o machismo não nasceu com o capitalismo nem com a religião. Estes é que foram forjados sob um pensamento machista.

Por isso, a análise aqui proposta é um passo à frente na noção de que a igualdade entre homens e mulheres é parte indissociável da luta pelo socialismo. A radicalidade com que ele defende a emancipação das mulheres, como elemento central da luta, compreende a opressão masculina não apenas como um aspecto da dominação burguesa, mas também considera as especificidades de gênero.

Isso faz do feminismo um movimento essencial não apenas para a libertação das mulheres, mas para a luta contra o caráter opressor da sociedade, o que Öcalan materializa na necessidade de derrotar o “macho dominante”, que seria a terceira ruptura sexual. Entendendo o autor a categoria de “macho dominante” como uma

construção histórica e social, representada no capitalismo e no Estado-nação de forma institucionalizada. Isso ajuda a explicar a noção de não estado na formulação do confederalismo democrático. Mas não é o único elemento.

O povo curdo, sempre espremido pelos Impérios Persa e Otomano, teve seu estado negado no Pós-Primeira Guerra Mundial, pelo Acordo Sykes-Picot entre França e Inglaterra. Com efeito, os movimentos nacionalistas, em torno da defesa de um estado, tiveram papel central na primeira metade do século XX. Öcalan e seu grupo, o PKK, tiveram como primeiro objetivo oferecer uma resistência armada em prol da criação, de direito e não apenas de fato, do Curdistão. As experiências fracassadas dos anos de luta, a manutenção de características tribais de seu povo e contínuas reflexões expostas no conjunto dos escritos de prisão de Öcalan¹ fizeram com que reconsiderassem a posição inicial e propusessem uma nova maneira de se conceber a organização geopolítica do povo curdo.

Esse aspecto revisionista é importante para se compreender o alcance teórico desses escritos. A revisão aparentemente circunstancial não toca apenas a organização geopolítica para justificar saídas concretas do conflito curdo com os países nos quais esse povo encontra-se atualmente imerso geograficamente. A revisão histórica sob

1 Originalmente os escritos de prisão de Öcalan possuem um objetivo específico: trata-se de uma apelação escrita para a Corte Europeia de Direitos Humanos. A partir desse dado, é importante ressaltar o trabalho coletivo em torno da edição, publicação e posterior discussão das inúmeras teses apresentadas no conjunto de reflexões teóricas e práticas presentes nas obras de Öcalan. Os escritos foram sistematizados e traduzidos em três volumes: *The Roots of Civilisation* (2007); *The PKK and the Kurdish Question in the 21st Century* (2011) e *The Road Map to Negotiations* (2012).

o ponto de vista “oriental”² procura determinar os limites teóricos da tradição da esquerda “ocidental”, apresentando uma ambiciosa proposta de laboratório político que preencha lacunas existentes nas experiências já conhecidas. Por isso, tem por escopo apontar novos modelos que ultrapassem a construção geopolítica fixada na noção de Estado e que reproduz uma “lógica democrática” pouco radical.

Essa reflexão teórica ressalta o valor da democratização radical a partir do empoderamento das mulheres e se alia ao protagonismo prático feminino no PKK e nos movimentos de resistência curda, incluindo as Unidades de Proteção Feminina (YPJ).

Evidentemente, as lutas feministas não são novas naquela região. Desde o início do século XX, turcas, iranianas, egípcias, libanesas, sírias, palestinas, afegãs foram desenvolvendo ondas de lutas pela cidadania, que vão desde a escolarização, direito ao voto, idade legal para o casamento a outros temas jurídicos. São pautas que se assemelham muito ao programa que no movimento feminista é entendido como sua primeira fase, e que teve na inglesa Mary Wollstonecraft uma de suas maiores expressões no século XVIII.³ Esses temas ainda mantêm atualidade na

2 É sempre elucidativo relembrar o esforço teórico de Edward Said, em seu clássico *Orientalismo*, na investigação do que seria o Oriente e de como os ocidentais construíram uma ideia de Oriente: “[...] O Oriente não está apenas adjacente à Europa; é também onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das suas mais profundas e recorrentes imagens do Outro.” (SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13).

3 Sobre Mary Wollstonecraft, ver MIGUEL, Luis Felipe. *O feminismo e a política*. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Fe-

região. Mas é precisamente o encontro prático/teórico, e a radicalidade de ambos, que torna o caso das mulheres curdas tão emblemático.

Segundo Shahrzad Mojab, as mulheres curdas sempre foram, aos olhos do “Ocidente”, consideradas como detentoras de mais liberdade do que as mulheres turcas, persas e árabes. A despeito disso, as curdas sempre foram oprimidas do mesmo modo que as mulheres das nações vizinhas. No entanto, o processo de revolução antimonárquica no Irã, no fim da década de 1970, e a luta por autonomia politizaram toda a sociedade curda e incentivaram o envolvimento das mulheres, seja no âmbito político, seja na ação militar. Posteriormente, no PKK, esse protagonismo se acentua.⁴

É quase inexistente a literatura sobre as mulheres curdas no Brasil. Felizmente, a Fundação Lauro Campos nos brinda com essa iniciativa que ajuda a compreender um pouco da reflexão teórica apresentada de forma bastante analítica, em alguns momentos de forma bastante exultante, nos escritos de Abdullah Öcalan. Mas essa reflexão vista na prática é o que, pessoalmente, me encanta. Por isso, peço permissão à leitora ou ao leitor para compartilhar a experiência de uma conversa que eu e Juliano Medeiros, presidente da Fundação Lauro Campos, tivemos com representantes do Parlamento Nacional Curdo, na Bélgica, em 2015. De todos os problemas apresentados e visões defendidas, chamou-me a atenção o nível de incorporação da defesa da libertação da mulher, tanto nas

minismo e política: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 20-21.

4 Cf. MOJAB, Shahrzad. Nationalism and Feminism: The Case of Kurdistan. Institut Simone de Beauvoir Bulletin, n.16, 1996, pp. 65-73, especialmente pp. 69-73.

falas de mulheres quanto de homens, bem como algumas medidas adotadas em territórios autônomos curdos, que vão desde a paridade nos conselhos às políticas de escolarização das mulheres, ao incentivo à auto-organização, à autodefesa, às medidas restritivas de direitos a homens que praticam violência contra a mulher, entre outros.

Essas conquistas de mulheres duplamente oprimidas, seja pelas nacionalidades da região, seja pela sua condição de gênero, produzem seus símbolos. E quero registrar aqui alguns nomes e sobrenomes, que representam milhões de anônimas aos olhos do mundo. Mülkiye Demir Kihç: mãe de gêmeos de seis meses de idade à época de seu encarceramento, condenada em 2014 a dois anos e um mês de prisão pelo governo turco por vender livros ligados ao PKK. Seve Demir, parlamentar do Partido das Regiões Democráticas; Fatma Uyar, militante do Congresso da Mulher Livre; e Pakize Nayir, copresidenta da Assembleia Popular do Povo de Silopi, assassinadas em 2016 em Silopi, na Turquia. Sakine Cansiz (Sara), cofundadora do PKK⁵; Fidan Dogan, representante na França do Parlamento Nacional Curdo; e Leyla Soylemez, ativista da causa curda, assassinadas no Institut Kurde de Paris em 2013.

Acredito que a distância geográfica, as diferenças históricas e culturais se dissiparão no decorrer da leitura deste escrito, na medida em que nos irmanarmos pela compreensão da dimensão da luta contra a opressão de gênero e, principalmente, quando nós mulheres introjetarmos

5 Sobre essa militante, conferir o documentário *My whole life was a struggle*, de 2015, dirigido por Dersim Zêrevan e Halil Uysal. Para mais informações, ver <http://www.kurdishinfo.com/documentary-on-sakine-cansiz-to-meet-the-audience>, acesso em 1º/7/2016.

definitivamente o que Abdullah Öcalan reforça aqui: “Se as mulheres não atingirem o poder politicamente, nenhuma outra conquista será permanente.”

*Jornalista, militante feminista e integrante do Setorial Nacional de Mulheres do PSOL

Mulheres e Democracia nos passos da libertação Curda

Frederico Henriques*

Muitos de nós no “Ocidente” pouco ouvimos falar sobre a maior nação sem estado, o Curdistão. Inicialmente, na guerra do Iraque, quando os curdos oprimidos no norte daquele país se levantaram contra Saddam Hussein e apoiaram a invasão norte-americana e agora na guerra da Síria. São as “amazonas” curdas, milícias de autodefesa feminina, que retomaram o território de Kobane que colocou pela primeira vez na mídia mundial a situação desse povo depois de muitos anos. Por trás desse grande evento e da retomada de força da causa curda, está o líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, Abdullah Öcalan.

Além de secretário-geral e líder do principal movimento de libertação nacional curdo, organizou uma milícia de autodefesa com dezenas de milhares de membros por toda a Mesopotâmia. Acima de tudo, sua ousadia e criatividade fizeram com que o movimento se reinventasse e se tornasse hoje uma referência mundial, não apenas com as zonas liberadas nas regiões de guerra, mas também nos escritos políticos. Nesse sentido, a Fundação Lauro Campos nos presenteia com esta obra – “Libertando a vida: a revolução das mulheres”, que, para além da ousadia, reflete diversos dilemas a serem enfrentados pela esquerda em nosso tempo.

Muito menos discorrer sobre a obra, pretendo neste momento fazer um breve apanhado da trajetória de Abdullah Öcalan para apontar o esforço de práxis, luta e reflexão que originou este livro. Longe de uma grande

biografia, a publicação busca apenas apresentar um pouco desse movimento que vem resistindo e se transformando há mais de três décadas.

Dentre os dois principais povos que no pós-guerra tiveram seus territórios divididos e seu estado não constituído no Oriente Médio e Mesopotâmia estão os palestinos e os curdos. A causa palestina e a questão do estado sionista já são debatidas de longa data pela esquerda em todo o mundo e, de forma geral, as relações de solidariedade e apoio são estabelecidas e lembradas a todo momento. A luta dos curdos não teve o mesmo êxito. A divisão em quatro estados – Turquia, Síria, Iraque e Irã –, a divisão entre tribos e famílias e a falta de direções fortes sempre fragilizaram a intervenção desse povo. Em comum, ambos são causas da humanidade, cujas minorias étnicas ainda são exploradas e massacradas nas regiões em que vivem.

Políticas racistas institucionalizadas sempre discriminaram os curdos nos quatro países, especialmente a partir da construção das ideias nacionalistas surgidas no pós-guerra; falar o idioma curdo ou mesmo citar a palavra *Curdistão* é passível de punição e até mesmo prisão. O fortalecimento das esquerdas na região durante toda a década de 1960, especialmente na Turquia, fez com que a questão curda se postulasse de forma contundente em todo o território.

O avanço da luta anti-imperialista e anticolonial em todo o mundo tem o seu primeiro momento em Cuba, mas rapidamente se alastra por toda a América Latina, África e Ásia. O primeiro período desses levantes é protagonizado por uma parte da classe média e de setores estudantis, e em seguida por algumas organizações da esquerda revolucionária. A Turquia também viveu de forma intensa esse processo.

É nesse contexto que surge Abdullah Öcalan, nascido numa família de camponeses pobres, como boa parte dos curdos, num ambiente religioso e conservador, como de costume. Com sua ida para estudar em Ancara e posteriormente sua atuação profissional em Istambul, ele tomou contato com grupos de esquerda marxista-leninistas. Sua participação junto à juventude radical teve um fim abrupto com o golpe militar de 1971, que buscava restabelecer a “ordem” no país, atacando os grupos comunistas que cresciam na Turquia. Essa experiência levou-o a estudar Ciência Política em Ancara em 1972.

A partir de 1975, Öcalan passa à agitação política junto aos curdos, uma vez que a esquerda turca nunca tomou como central a questão étnica, e a relação de Barzani¹ – liderança dos nacionalistas curdos tradicionais – com Israel e Estados Unidos era nefasta para seu povo, fracassando ainda na década de 1970 no Iraque. Diferentemente da esquerda turca, classe média erudita, jovens estudantes e universitários, ou a elite que permeava o projeto de Barzani, o trabalho do grupo de Abdullah Öcalan centrou-se em camponeses pobres que foram tentar a sorte na cidade grande. A condição do pouco letramento e as dificuldades na educação formal fizeram com que a propaganda e o recrutamento se dessem de forma bem artesanal, a partir de discussões pessoais. O combate à violência de grupos fascistas e os enfrentamentos armados ganharam projeção na juventude radicalizada curda que, em 1977, viabilizou o lançamento do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) a partir do seu manifesto “O caminho para a emancipação curda”.

Os primeiros conflitos do PKK se deram contra os

1 Massoud Barzani, presidente da região do Curdistão no Iraque e líder do Partido Democrático do Curdistão (PDK).

grupos fascistas que atuavam junto ao estado turco na região e os grandes fazendeiros do sul do país. As sucessivas vitórias no entorno de Diyarbakir, conhecida como Amed pelos curdos, começaram a colocar em xeque o governo turco, que enfrenta grave crise econômica desde o final dos anos 1970. A Revolução Iraniana acendeu o sinal de alerta para toda a região, fazendo com que os Estados Unidos apoiassem o golpe da junta militar na Turquia no início da década de 1980.

A partir da caracterização etapista, passou-se a ver o Curdistão como uma Colônia que tem como principais líderes a serem enfrentados os senhores feudais, os quais mantêm uma relação subordinada com os estados nacionais e as potências imperialistas. A forma de superar essa condição é retirar o poder dessas elites a partir de uma guerra popular prolongada, via movimentos de liberação nacional.

É interessante que sob a influência da vitória vietnamita sobre os Estados Unidos, assim como o Sendero Luminoso no Peru, a guerrilha curda também tem forte influência de camponeses pobres e de regiões mais periféricas da Turquia. Porém, o grande salto organizativo se dá com o encontro deles com os palestinos.

O golpe de 1980 coloca boa parte das lideranças do PKK no exílio: primeiro na Síria e em seguida no Líbano. Nesse último país, o PKK entrou em contato com a Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP) e outros grupos, como Al Fatah. Essa relação rendeu importante treinamento militar para os curdos, além de formação ideológica. O primeiro embate em comum foi na luta contra o exército israelense na invasão do Líbano em 1982. Ainda nos anos 1980, o PKK abriu campos de treinamento no Líbano, na Síria, no Iraque e na própria Turquia.

Até metade da década de 1990, Öcalan, também conhecido como Apo, manteve esses marcos estratégicos, mesmo com diversas baixas e um grande número de derrotas, especialmente para o estado turco. A ideia da vingança e a forma vexatória com que o governo da Turquia tratava os curdos eram o principal elemento para o recrutamento, mesmo sem grandes avanços. Depois dos diversos golpes, a esquerda revolucionária turca nunca mais se recompôs, sendo PKK o principal grupo revolucionário turco pós-década de 1980.

O fim da União Soviética representou um golpe para o Partido dos Trabalhadores do Curdistão. A alternativa foi demarcar diferenças com a antiga potência soviética, questionando tanto o projeto de socialismo que implantara como até mesmo a moral existente naquele país, sendo esta a responsável pela degeneração burocrática. O problema da moral foi tratado de forma sistemática pelo partido a partir do Congresso de 1995, quando foi pautado como eixo de diferenciação. Porém, as derrotas contínuas e a prisão de Öcalan em 1999 levaram a uma mudança completa na tática e estratégia da organização.

Em comparação com muitos grupos que surgiram como revolucionários, mas entraram em decadência, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) ou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), a grande diferença do PKK foi sua capacidade de se reinventar, seja com a questão das mulheres, eixo central desta obra, seja com o confederalismo democrático.

A primeira grande mudança, todavia, teve início quando, em meados de 1990, após as diversas derrotas para o estado turco e Hafez al-Assad², o PKK começou a

2 Hafez al-Assad foi presidente da Síria de 1971 até sua morte, em 2000.

admitir mulheres como guerrilheiras a fim de reforçar a luta. Essa incorporação deu novo ânimo para o enfrentamento e construção de uma batalha que ficou conhecida naquela década como intifada curda.

O processo de auto-organização das mulheres e a revisão do ideário de Öcalan na ida para a prisão transformaram tal debate em eixo central. As mulheres são vítimas tanto da opressão nacional como de gênero, o que as faz se apropriar de forma mais rápida de ideias radicais e estar dispostas a questionar a tradição e o status quo. A aproximação com o socialismo utópico e um comunismo primitivo levam à reflexão de que a primeira desigualdade se dá pela divisão de gênero. Logo, o combate a essa opressão e ao patriarcado se tornam eixo para a construção de uma sociedade mais justa.

Já o confederalismo democrático passou a ser incorporado na ideologia de forma mais incisiva a partir da consolidação da área do Curdistão iraquiano em 2003, em meados da guerra liderada pelos Estados Unidos sob George Bush, acendendo o alerta ao projeto do PKK. Ele sabia que a disputa com Barzani poderia ser derrotada, e a perda de ativistas para o outro projeto, agora em consolidação, era algo real. A partir dessa mudança de conjuntura na região, Öcalan desenvolve a ideia de confederalismo democrático, na qual os diferentes projetos de Curdistão poderiam se desenvolver sem um estado nacional centralizado. A reflexão colocada pela forma do não estado e a democracia direta como eixo da organização do território foi trazida em grande medida pelo ativista e intelectual norte-americano Murray Bookchin, falecido em 2006.

Bookchin era marxista-trotskista de origem, mas com a decadência da URSS e o surgimento das pautas ambientais, realizou um giro intelectual, fundindo o marxismo com ideais anarquistas. Seu objetivo era repensar

um governo que superasse a forma do Estado e colocasse a questão ambiental no eixo da política. A sua proposta era remodelar um mundo capitalista através da criação de sistemas de nível micro das assembleias populares locais e autogovernos que se relacionam a partir de confederações. Exatamente o modelo que dava abertura para manter relações com o projeto de Barzani, aliado importante numa região com poucos parceiros, e mantinha a abertura para a construção de um projeto distinto.

Dessa forma, o curto período de cessar fogo entre o PKK e o governo turco foi a deixa para reivindicar não mais a separação do território, mas zonas autônomas que se relacionassem por um confederalismo democrático. Esse projeto, que no estado kemalista turco teve dificuldades para se desenvolver para além da propaganda, encontrou terreno fértil na Síria. Em julho de 2012, Bashar al-Assad retirou suas forças de três áreas curdas, a maioria perto da fronteira com a Turquia, para se concentrar na luta contra rebeldes árabes em outros lugares. Logo o Partido da União Democrática (PYD) preencheu esse vácuo de poder, organizando as milícias de autodefesa, especialmente para conter o avanço do Daesh³, assim como para garantir o território. Rojava seria o primeiro laboratório das elaborações do Öcalan. É claro que o domínio de um partido único no marco da guerra civil que assola o país faz com que a democracia direta que eles defendem tenha inúmeras debilidades.

Essa experiência é fundamental que a esquerda latino-americana e brasileira compreenda não apenas a história da luta desse povo, mas também as elaborações políticas e teóricas desse movimento que está transformando

3 Daesh é a sigla de al-Da'ula al-Islamiya al-Iraq wa Sham (Estado Islâmico do Iraque e Sham [Levante]).

o coração do Oriente Médio e Mesopotâmia. Assim, esta obra cumpre papel central de preencher uma lacuna, além de apresentar uma abordagem completamente nova sobre o papel das mulheres na revolução, em especial na luta curda.

*Educador popular e colaborador do Observatório Internacional da Fundação Lauro Campos

Introdução de *International Initiative*

A publicação que você tem diante de si é a terceira desse tipo elaborada por *International Initiative*. Essas publicações foram recompiladas de diversos textos escritos por Abdullah Öcalan, para oferecer um resumo de suas posições a respeito de temas específicos.

Antes da captura e encarceramento de Öcalan em 1999, já haviam sido publicados vários livros baseados em seus discursos sobre sexo e gênero, entre eles, três volumes de *Nasıl yas amalı?* (Como viver?). O título de um livro de entrevistas com ele, *Erkeğ i öldürmek* (Matar o macho), se converteu num lema muito popular entre os curdos. Öcalan cunhou várias palavras de ordem, tal como “um país não pode ser livre se as mulheres não o são”, redefinindo a libertação nacional em primeiro lugar como a libertação das mulheres. Em seus escritos do cárcere, a libertação das mulheres é citada seguidamente nas discussões sobre história, sociedade contemporânea e ativismo político. Esta publicação é uma recompilação de extratos dos escritos

de Öcalan sobre esse tema, em especial os mais recentes e ainda não traduzidos.

O que ele observou em países socialistas e em seu próprio trabalho teórico e prático desde a década de 1970 levou-o à conclusão de que a escravidão das mulheres foi o germe de todas as outras formas de escravidão. Isso, assinala, não se deve a que a mulher seja biologicamente diferente do homem, senão que foi a fundadora e líder do sistema matriarcal neolítico.

Abdullah Öcalan não é somente um teórico. É o líder de um movimento que luta não só pela libertação do povo curdo, mas também para encontrar respostas à pergunta de como viver a vida com sentido. É por isso que seus textos têm tanto impacto na vida de tantas pessoas.

Ele sempre se preocupou com a questão da libertação da mulher e, especialmente, durante a luta. Animou e inspirou, com sua crítica ao patriarcado, as mulheres do movimento curdo a se somarem à luta contra a dominação machista. Sua contribuição trouxe importantes avanços.

Durante muitos anos, não só sinalizou a importância de superar os papéis instituídos para mulheres e homens, como também fomentou o estabelecimento de movimentos e de instituições de mulheres para que elas pudessem questionar suas vidas, os homens e a sociedade, e reconstruir a si mesmas. Assim, lado a lado com a luta pela libertação curda, a participação das mulheres no Curdistão foi incrementada de forma importante e atípica em todos os âmbitos da vida. De fato, a destacada vitalidade e o dinamismo do movimento das mulheres no Curdistão muitas vezes surpreende o observador que não espera isso numa região do mundo considerada muito patriarcal.

Foi assim que surgiu a ideia de uma publicação especial sobre a questão da liberdade das mulheres.



1. Prólogo

Sempre me interessou a questão da liberdade das mulheres. Inicialmente, considerava que a escravidão das mulheres no Oriente Médio e em geral era resultado do atraso feudal. Após muitos anos de prática e de investigação da revolução, cheguei à conclusão de que o problema é muito mais profundo. A história de 5 mil anos de civilização é essencialmente a história da escravidão da mulher. Por conseguinte, a liberdade da mulher só se logrará mediante a luta contra os pilares do sistema imperante.

Uma análise da civilização dominante mostrará claramente como a liberdade foi sendo progressivamente esmagada pela escravidão. Essa “civilização dominante” se transmite da Suméria à Acádia, da Babilônia à Assur, da Pérsia à Grécia, à Roma, à Bizâncio, à Europa e, finalmente, aos Estados Unidos. Ao longo da história dessa civilização, a escravidão foi perpetuada em três níveis: em primeiro lugar, estabelece-se a escravidão ideológica (de forma curiosa, mas ao fim e ao cabo compreensível, inventam-se deidades mitológicas temíveis e dominantes); depois vem o uso da força; e, finalmente, a apropriação da economia.

Esse encadeamento da sociedade em três estratos fica excelentemente ilustrado nos *zigurats*, os templos do Estado clerical sumério. Nos níveis superiores dos *zigurats* é onde habita o deus que controla a mente. Os andares médios são o quartel-general político e administrativo dos sacerdotes. Finalmente, o andar de baixo é ocupado pelos artesãos e trabalhadores agrícolas, obrigados a trabalhar em afazeres de todo tipo. Essencialmente, esse modelo se manteve até hoje. Assim, uma análise do *zigurat* é, de fato, a análise do sistema contínuo da civilização dominante, que nos permi-

tirá examinar o atual sistema-mundo capitalista em termos de sua base real. A acumulação contínua de capital e de poder é só uma face da moeda. A outra face é a arrepiante escravidão, a fome, a pobreza e a coerção.

A civilização central, devido à natureza de seu sistema de funcionamento, só se sustenta privando a sociedade de liberdade e assegurando que se possa dirigi-la como um rebanho. Isso se logra aumentando o capital e os instrumentos de poder, causando, e inclusive, incrementando a pobreza e fomentando a mentalidade de rebanho. O fato de que a liberdade seja a questão chave em todas as épocas se deve à natureza mesma do sistema.

A história da perda de liberdade é, ao mesmo tempo, a história de como a mulher perdeu sua posição e desapareceu da história. É a história de como o macho dominante, com todos os seus deuses e servidores, governantes e subordinados, sua economia, ciência e arte, conseguiu o poder. A queda e a perda da mulher são, portanto, a queda e a perda de toda a sociedade, resultando em uma sociedade sexista. O homem machista tem tanto interesse em estabelecer seu domínio social sobre a mulher que converte qualquer contato com ela em mostra de dominação.

A magnitude da escravidão da mulher e seu ocultamento intencional estão, portanto, intimamente relacionados ao crescimento do poder hierárquico e estatal na sociedade. Já que a mulher se habitua à escravidão, estabelecem-se as hierarquias (da palavra grega *ἱεραρχία* ou *hierarkhia*, “o governo do sumo sacerdote”), e o caminho à escravidão de outros setores da sociedade fica pavimentado. A escravidão dos homens vem depois da escravidão das mulheres. A escravidão de gênero se diferencia em algumas questões das escravidões de classe e de nação. Sua legitimação se obtém por meio de uma repressão

especializada e intensiva, combinada com mentiras que manipulam as emoções. A distinção biológica da mulher é utilizada como justificativa a sua escravidão. Todo o trabalho que ela reliza se dá por suposto e se denomina ignominiosamente “trabalho de mulheres”. Considera-se que sua presença na esfera pública está proibida pela religião e é moralmente vergonhosa e progressivamente é separada de todas as atividades sociais importantes. Na medida em que aumenta o poder dominante das atividades políticas, sociais e econômicas assumidas pelos homens, a fraqueza das mulheres se institucionaliza ainda mais. Desse modo, a ideia do “sexo frágil” se estende como crença compartilhada.

De fato, a sociedade trata a mulher não só como biologicamente um sexo à parte, senão como uma raça, nação ou classe à parte; a raça, nação ou classe mais oprimida. Nenhuma raça, nação ou classe está submetida a uma escravidão tão sistemática como a das donas de casa.

A decepção que se experimenta após o fracasso de qualquer luta, seja pela liberdade, pela igualdade ou democrática, ética, política ou de classe, leva a marca da luta arquetípica pela relação de poder, a relação entre mulher e homem. Dessa relação surgem todas as outras formas que fomentam a desigualdade, a escravidão, o despotismo, o fascismo e o militarismo. Se quisermos dar o verdadeiro significado a vocábulos como *igualdade*, *liberdade*, *democracia* e *socialismo*, que tão seguidamente empregamos, deveremos analisar e reduzir a pó a antiga rede de relacionamentos que se teceu ao redor das mulheres. Não há outra forma de lograr uma igualdade real (com o suficiente espaço para a diversidade), liberdade, democracia e ética verdadeira.

Mas a qualificação sem ambiguidades do *status* das

mulheres é só um aspecto dessa questão. Muito mais importante é a questão da libertação; em outras palavras, a solução do problema vai além da importância de sua denúncia e análise. A questão mais promissora dentro do atual caos do sistema capitalista é (ainda que limitada) a denúncia do *status* das mulheres. Durante o último quartel do século XX, o feminismo conseguiu (ainda que não suficientemente) divulgar a verdade sobre as mulheres. Em épocas de caos, a possibilidade de mudança de qualquer fenômeno aumenta em consonância com o nível acessível de progresso ou ilustração, por isso, em tais momentos, os pequenos passos em direção à liberdade podem converter-se em saltos para a frente. A liberdade das mulheres pode resultar na grande vencedora da crise atual. Tudo o que a mão humana construiu pode ser demolido por ela. A escravidão das mulheres não é nem uma lei da natureza nem seu destino. O que precisamos é a teoria precisa, de programas, da organização e dos mecanismos para desenvolvê-los.

2. A revolução das mulheres: a era neolítica

O patriarcado não existiu sempre. Há uma infinidade de provas que demonstram que nos milênios anteriores à criação da civilização estatal, a posição das mulheres na sociedade era muito distinta. Sem dúvida era uma sociedade matrifocalizada: construída ao redor das mulheres.

No sistema Zagros-Taurus, a sociedade mesolítica e a subsequente neolítica começaram a desenvolver-se ao final do quarto período glacial, aproximadamente há 20 mil anos. Essa sociedade deslumbrante, com suas ferramentas avançadas e seus sistemas de assentamento sofisticados, estava muito mais desenvolvida que a anterior sociedade

de clãs. Esse período constitui uma época deslumbrante na história de nossa natureza social. Muitos dos avanços que permanecem atualmente pertencem àquele período histórico: a revolução agrícola, a fundação de povos, as raízes do comércio e da família baseada na mãe, assim como as tribos e as organizações tribais.

Muitos dos métodos, das ferramentas e dos equipamentos que usamos hoje provêm de invenções e descobertas provavelmente feitas pelas mulheres dessa era, como o uso curativo de diversas plantas, a domesticação de animais e o cultivo de plantas, a construção de moradias, os princípios da nutrição infantil, a enxada e o moedor de mão e, quiçá, inclusive o carro de bois.

Para mim, o culto à deusa-mãe nessa época simboliza a reverência ao papel da mulher nesses grandes avanços. Não o vejo como deificação de uma fertilidade abstrata. Ao mesmo tempo, a hierarquia baseada na mãe-mulher é a raiz histórica do conceito de mãe, razão pela qual todas as sociedades ainda respeitam e reconhecem a mãe como autoridade. Exige essa autoridade porque a mãe é o elemento de vida principal, que dá à luz e mantém a vida através da criança, inclusive sob condições de dificuldade máxima. Portanto, toda cultura e hierarquia baseada nesse reconhecimento tem que reverenciar a mulher. A verdadeira razão da longevidade do conceito de mãe é o fato de que é concretamente ela que forma a base do ser social, o humano; não simplesmente a capacidade abstrata de dar à luz.

Durante o período neolítico se criou em torno da mulher uma ordem social completamente comunitária denominada “socialismo primitivo”. Essa ordem social não aplicou nenhuma das práticas que impõe a ordem estatal, contudo, existiu durante milhares de anos. Foi nessa ordem longeva que se formou a consciência social coletiva

da humanidade; e é nosso eterno desejo recuperar e imortalizar essa ordem social de igualdade e liberdade, o que levou à nossa ideia de paraíso.

O socialismo primitivo, caracterizado pela igualdade e pela liberdade, foi viável porque a ética social da ordem matriarcal não permitia a propriedade, que é o fator principal do aumento da divisão social. A divisão sexual do trabalho, a outra questão relacionada com a divisão social, não estava ainda baseada na propriedade e nas relações de poder. As relações privadas dentro do grupo não haviam se desenvolvido ainda. Os alimentos que se recolhiam ou se caçavam pertenciam a todos. As crianças pertenciam ao clã. Nenhum homem ou mulher era propriedade privada de ninguém. Em todas essas questões, a comunidade, ainda pequena e sem grande capacidade de produção, tinha uma sólida cultura ideológica e material. Os princípios fundamentais que mantinham a sociedade eram a solidariedade e o compartilhamento: a propriedade e a força, como perigos que ameaçam a vida, haveriam de obstaculizar essa cultura.

Diferentemente da sociedade dominante, a relação da sociedade neolítica com a natureza se mantinha em termos da cultura ideológica e material através da adoção de princípios ecológicos. Considerava-se a natureza viva e animada, e não um ente separado. Essa consciência da natureza fomentava uma mentalidade que nela reconhecia uma multidão de santidades e divindades. Podemos chegar a uma compreensão melhor da essência da vida coletiva se reconhecemos que estava baseada na metafísica da santidade e da divindade, que partia da reverência à mãe-mulher.

O que necessitamos compreender é o porquê e como foi possível substituir o sistema matriarcal da era neolítica.

Desde os agrupamentos sociais mais antigos, houve tensão entre a coleta de alimentos da mulher e a caça do homem, com o resultado de que duas evoluções culturais distintas se desenvolveram na sociedade.

Na sociedade matriarcal, o produto excedente, ainda que limitado, se acumulava. (Foi o começo da economia, não como conceito, senão em termos de sua essência, em que encontramos as raízes dos diferentes tipos de economia, tais como a capitalista e a da doação). Era a mulher, a alimentadora, que controlava esse excedente. Mas o homem, seguramente desenvolvendo melhores técnicas de caça, melhorou sua posição, logrou um *status* mais alto e reuniu um séquito a seu redor. O “sábio ancião” e o xamã, que antes não formavam parte do grupo do homem forte, se uniram a ele e o ajudaram a construir a ideologia do domínio machista. Pretendiam desenvolver um movimento sistemático contra as mulheres.

Na sociedade matriarcal da era neolítica não havia hierarquias institucionalizadas, que agora começavam a se introduzir lentamente. A aliança com o xamã e o ancião com experiência foi um desenvolvimento importante nesse sentido. O controle ideológico, que estabeleceu a aliança masculina sobre os jovens, que atraiu a seu círculo, fortaleceu sua posição na comunidade. O que é importante é a natureza do poder conseguido pelo homem. Tanto a caça como a defesa do clã contra os perigos exteriores se baseavam em matar e ferir, e, portanto, tinham características militares. Esse foi o princípio da cultura de guerra. Numa situação de vida ou morte, deve-se respeitar a autoridade e a hierarquia.

A comunidade é o pilar sobre o qual se assentam a *hierarquia* e o poder do Estado. Originalmente, o termo hierarquia se referia ao governo dos sacerdotes e à au-

toridade dos sábios anciãos. Em suas origens, teve uma função positiva. Numa sociedade natural, poderíamos inclusive considerar a hierarquia como benéfica, como o protótipo da democracia. A mãe-mulher e os anciãos sábios garantiam a segurança da comunidade e sua governabilidade, eram necessários e úteis, elementos fundamentais numa sociedade que não estava baseada na acumulação e na propriedade. A sociedade os respeitava de forma voluntária. Mas quando a dependência voluntária se transforma em autoridade, a utilidade em interesse próprio, sempre dá passagem a um inapropriado instrumento de força. O instrumento de força se oculta atrás da segurança comum e da produção coletiva. Isso constitui o núcleo de todos os sistemas de exploração e opressão. É a criação mais sinistra que se inventou em todos os tempos. A criação que propiciou todas as formas de escravidão, todas as formas de mitologia e de religião, toda a aniquilação e o saqueio sistemático.

Sem dúvida, havia razões externas para a desintegração da sociedade neolítica, mas o fator principal foi a sociedade estatal sagrada dos sacerdotes. As lendas das civilizações originárias na Baixa Mesopotâmia e ao longo do Nilo o confirmam. O desenvolvimento da cultura da sociedade neolítica, combinado com as novas técnicas de irrigação artificial, proporcionou o produto excedente requerido para o estabelecimento de nova sociedade. Foi principalmente mediante a posição e o poder recém-adquiridos pelo homem que a sociedade urbana, formada em torno do produto excedente, se organizou em forma de Estado.

A urbanização significou mercantilização. O resultado foi o comércio. O comércio se infiltrou nas veias da sociedade neolítica em forma de colônias. A mercantili-

zação, o valor de troca e a propriedade cresceram exponencialmente, acelerando, desse modo, a desintegração da sociedade neolítica.

3. A primeira grande ruptura sexual

Na essência do esquema da revolução/contrarrevolução do materialismo histórico, sugiro que denominemos os pontos de inflexão na história da relação entre os sexos de “ruptura sexual”. A história já viu duas dessas rupturas e prevejo que outra está por chegar.

Nas épocas sociais anteriores à civilização, a organização do “homem forte” existia com o único propósito de capturar animais e se defender do perigo exterior. Era essa força organizada que cobiçava a unidade do clã familiar, aquilo que a mulher construía como produto de seu trabalho emocional. O controle do clã familiar constituiu a primeira organização importante da violência. A própria mulher, seus filhos e familiares e toda a acumulação cultural, material e ética foram usurpadas no processo. Foi o saque da economia primária, a economia do lar. A força organizada do protossacerdote (xamã), o ancião com experiência e o homem forte se aliaram para formar o primeiro e mais longo poder hierárquico patriarcal, o do governo sagrado. Isso se pode observar em todas as sociedades que estão no mesmo estágio: até a etapa de classe, cidade e Estado, essa hierarquia domina a vida social e econômica.

Na sociedade suméria, ainda que o equilíbrio tenha se voltado gradualmente contra a mulher, os dois sexos eram mais ou menos iguais até o segundo milênio a.C.. Os numerosos templos para deusas e os textos mitológicos desse período indicam que entre 4000 e 2000 a.C., a

influência da cultura da mãe-mulher nos sumérios, que constituíam o centro da civilização, estava no mesmo nível que a do homem. Até então, jamais existira uma cultura que desonrasse a mulher.

Dessa forma, observamos aqui o início de uma nova cultura que desenvolve sua superioridade sobre o culto à mãe-mulher. O desenvolvimento dessa autoridade e hierarquia, antes do surgimento da sociedade de classes, constitui um dos pontos de inflexão mais importantes da história. Essa cultura é qualitativamente diferente da cultura da mãe-mulher. A coleta e, mais tarde, o cultivo, que eram os elementos predominantes da cultura da mãe-mulher, são atividades pacíficas que não requerem ações de guerra. A caça, à qual o homem se dedica principalmente, se apoia na cultura da guerra e na autoridade violenta.

É compreensível que o homem forte, cujo papel essencial era a caça, cobiçasse a acumulação da ordem matriarcal. Estabelecer seu domínio lhe traria muitas vantagens. A organização do poder que obtinha por meio da caça dava-lhe agora a oportunidade de governar e de estabelecer a primeira hierarquia social. Esse desenvolvimento constitui a primeira utilização maliciosa da inteligência analítica, a qual, posteriormente, se fez sistêmica. Além disso, a transição do culto sagrado à mãe ao culto sagrado ao pai permitiu que a inteligência analítica se disfarçasse de santidade.

Portanto, a origem de nossos graves problemas sociais se encontra nas sociedades patriarcais, que se converteram em sociedades de culto, quer dizer, religiosas, em torno do homem forte. Com a escravidão da mulher, o terreno estava fértil para a escravidão não só dos meninos, mas também dos homens. Como o homem ganhou experiência na acumulação de valores por meio do uso do trabalho dos escravos (em especial, acumulando os excedentes), seu

controle e domínio sobre esses escravos aumentou. Poder e autoridade se fizeram cada vez mais importantes. A colaboração entre o homem forte, o ancião com experiência e o xamã para formar um setor privilegiado teve como resultado um núcleo de poder difícil de combater. Nesse núcleo, a inteligência analítica desenvolveu uma narrativa mitológica extraordinária para governar as mentes do populacho. No mundo mitológico criado para a sociedade suméria (e transmitido através da história com algumas adaptações), exalta-se o homem até o ponto de deificá-lo como criador do céu e da terra, enquanto a divindade e a sacralidade da mulher é, primeiro, reduzida e depois, eliminada. A ideia do homem como governante e poder absoluto penetra na sociedade. Desse modo, por meio de uma enorme rede narrativa mitológica, cada aspecto da cultura se converte na relação entre governante e governado, criador e criatura. A sociedade é enganada para interiorizar esse mundo mitológico que gradualmente se converterá na versão dominante. Depois se transforma em religião, uma religião na qual se constrói o conceito de uma distinção radical entre as pessoas. Por exemplo, a divisão em classes da sociedade reflete-se na história da expulsão de Adão e Eva e a condena à servidão. Essa lenda dota os governantes-deuses sumérios de poder criativo e representa seus súditos como servos.

A mitologia suméria conhecia a história da criação a partir da costela de um deus antropomórfico, mas foi a deusa Ninhursag que realizou o ato de criação para salvar a vida do deus masculino Enki. Ao longo do tempo, a história foi alterada para beneficiar o homem. Os elementos repetitivos de rivalidade e de criatividade nos mitos de Enki e Ninhursag-Inanna tinham a dupla função de, por um lado, degradar as mulheres e diminuir a importância de sua antiga criatividade e, por outro lado, representar a formação

de um ser humano que não é mais do que um escravo e um servo. (Eu acho que essa concepção dos sacerdotes sumérios está relacionada com os dilemas subsequentes deus-servo. Determinar a verdade disso é vital; no entanto, a literatura religiosa, tal como os provérbios, ou bem deixam de fazê-lo ou rejeitam a noção diretamente. É por isso que os teólogos sentem a necessidade de disfarçar a verdade e, portanto, seus interesses no assunto?).

As identidades divinas projetadas na sociedade suméria são o reflexo da nova visão da natureza e dos novos poderes sociais; mais do que isso, praticamente se desdobram com o propósito de condicionar as mentes novamente. Juntamente com a influência em declínio da dimensão natural, a dimensão social ganha importância; a influência das mulheres diminui gradualmente e ocorrem desenvolvimentos surpreendentes na classificação dos seres humanos como súditos, como servos. Enquanto o crescente poder político na sociedade resulta na proeminência de alguns dos deuses, também implica algumas perdas de identidade e uma mudança significativa na forma de outras. Assim, o poder absoluto do monarca durante a fase de Babilônia se reflete na subida do deus Marduk. Essa última fase da mitologia suméria indica que o limiar do nascimento das religiões monoteístas foi atingido.

Em uma organização como essa, na qual o homem era o proprietário dos filhos, o pai queria ter tantos filhos quanto possível (em especial, meninos) para alcançar o poder. O domínio dos meninos lhe permitiu aproveitar a acumulação de mulher-mãe: o sistema de propriedade foi criado. Próxima à propriedade coletiva do estado clerical, a propriedade privada da dinastia foi estabelecida. A propriedade privada também exigiu o estabelecimento dos direitos de paternidade: requeria-se que a herança pudesse passar

(principalmente) aos rapazes.

De 2000 a.C. em diante, essa cultura se estendeu amplamente. O *status* social da mulher foi radicalmente alterado. A sociedade patriarcal havia alcançado a força para converter-se em um governo lendário. Enquanto o mundo do macho é exaltado e é convertido em herói, todo o feminino é desvalorizado e vilipendiado.

Essa ruptura sexual foi tão radical que resultou na mudança mais significativa já vista na história. A essa transformação quanto ao valor das mulheres na cultura do Oriente Médio podemos chamar a primeira ruptura maior ou contrarrevolução sexual. Denomino-a contrarrevolução porque não contribuiu em nada para o desenvolvimento positivo da sociedade. Pelo contrário, conduziu a uma extraordinária pobreza da vida para estabelecer a dominação total de um patriarcado rígido, provocando a exclusão das mulheres. Essa ruptura na civilização do Oriente Médio é, provavelmente, o primeiro passo para a sua deterioração progressiva, já que as consequências negativas continuam a se multiplicar com o avanço do tempo. Em lugar de uma sociedade dual, produziu uma sociedade unicamente masculina. Havia se dado a transição para uma cultura social unidimensional, extremamente masculina. A inteligência emocional da mulher, que criava maravilhas, era humana e estava comprometida com a natureza e a vida, se perdeu. Em seu lugar nasceu a maldita inteligência analítica de uma cultura cruel que havia se rendido ao dogmatismo e se separado da natureza; que considerava a guerra como a maior virtude e desfrutava do derramamento do sangue humano; que considerava legítimo o tratamento arbitrário da mulher e sua escravidão. Essa inteligência é oposta à inteligência igualitária da mulher, focada para a produção humanitária e para a natureza viva.

A mãe se converteu na deusa antiquada; agora se senta em seu lar como mulher obediente e casta. Longe de ser igual aos deuses, não pode fazer ouvir sua voz ou mostrar sua cara. Pouco a pouco, é envolvida em véus, converte-se em uma cativa dentro do harém do homem forte.

A profundidade da escravidão da mulher na Arábia (intensificada na tradição de Abraão por Moisés) está relacionada com esse desenvolvimento histórico.

4. Como se enraizou a autoridade patriarcal

A sociedade patriarcal precisa de uma estrutura hierárquica e autoritária para a sua sobrevivência. A aliança da administração autoritária com a autoridade sagrada do xamã resultou no conceito de hierarquia. A instituição da autoridade ganharia destaque gradualmente na sociedade, tornando-se a autoridade do Estado na medida em que as distinções de classe se intensificaram. Até então, a autoridade hierárquica era pessoal, ainda não institucionalizada, portanto não tinha muito controle sobre a sociedade. Obedecê-la era, em parte, uma decisão voluntária, pois o compromisso era determinado pelos interesses da sociedade.

No entanto, o processo que foi iniciado conduzia ao nascimento do Estado hierárquico. O sistema comunitário primitivo resistiu a esse processo por longo tempo. O respeito e o compromisso com a autoridade da aliança somente se mostravam se eles compartilhavam a acumulação da produção com os membros da sociedade. Na verdade, reprovava-se a acumulação de produto excedente, e a pessoa que merecia mais respeito era a que a distribuía (eis as poderosas raízes históricas da tradição de admirar a generosidade, que ainda prevalece nas sociedades de clã). Des-

de o início, a comunidade considerou que a acumulação do produto excedente era a mais séria ameaça contra si e fundamentou sua ética e sua religião na resistência a isso. Mas, finalmente, a cultura da acumulação e a da autoridade hierárquica do homem derrotaram as da mulher. Devemos ter clareza de que essa vitória não respondeu a uma necessidade histórica inevitável. Não há nenhuma lei que obrigue a sociedade natural a se converter necessariamente em uma sociedade hierárquica e, portanto, em uma sociedade de Estado. Pode haver a tendência para tal desenvolvimento, mas assinalá-la como processo inevitável e incessante, que tem de alcançar sua plena realização, seria uma suposição totalmente equivocada. Considerar a existência de classes como destino tornou-se simplesmente uma ferramenta para ideólogos classistas.

Após essa derrota, lacerações profundas ocorreram na sociedade comunitária das mulheres. O processo de se tornar uma sociedade hierárquica não foi fácil. É a fase de transição da sociedade comunitária primitiva para o Estado. Finalmente, a sociedade hierárquica tinha que se desintegrar ou tornar-se Estado. Apesar de ter desempenhado um papel de forma positiva no desenvolvimento da sociedade, a sua forma de socialização, a aliança entre os poderes do sexo masculino deu força ao patriarcado hierárquico para se tornar Estado. Na verdade, foi a sociedade hierárquica e patriarcal que subordinou mulheres, jovens e membros de outros grupos étnicos; tudo isso foi feito antes do desenvolvimento do Estado. A questão mais importante é como se chegou a essa subordinação. A autoridade para realizá-la não foi obtida por meio de legislação, mas de novas éticas que foram baseadas nas necessidades mundanas, e não sagradas.

Embora haja uma tendência para o conceito religioso

de um deus abstrato e único que reflete os valores da sociedade patriarcal, a autoridade matriarcal da sociedade natural, com sua miríade de deusas, resiste. Na ordem matriarcal, as regras essenciais são trabalhar, produzir e abastecer as pessoas para mantê-las vivas. Enquanto a ética patriarcal legitima a acumulação e abre caminho para a propriedade, a ética da sociedade comunitária condena a acumulação de excedentes como fonte de todo o mal e encoraja sua distribuição. A harmonia interna na sociedade se deteriora progressivamente e a tensão cresce.

A solução desse conflito seria voltar aos velhos valores matriarcais ou aumentar o poder patriarcal dentro e fora da comunidade. Para a facção patriarcal havia apenas uma escolha. Os pilares da sociedade violenta e guerreira, com base na opressão e na exploração, foram estabelecidos. Através desse conflito foi alcançada a fase do Estado, a fase da autoridade institucionalizada baseada na força permanente.

Sem analisar a situação das mulheres no sistema hierárquico e as condições sob as quais foram escravizadas, nem o Estado nem o sistema de classes no qual ele repousa podem ser compreendidos. A mulher não é perseguida como gênero feminino, mas como fundadora da sociedade matriarcal. Sem uma análise completa da escravização das mulheres e da criação de condições para superá-la, nenhuma outra escravidão pode ser analisada ou ultrapassada. Sem essa análise, não se poderá evitar cometer erros fundamentais.

5. Toda escravidão se funda na conversão da mulher em dona de casa

Do imenso salto na ordem hierárquica, o sexismo tem sido a ideologia básica do poder. Está intimamente relacionado com a divisão de classes e com o exercício do poder. A autoridade das mulheres não é fundamentada no produto excedente, no entanto, surge a partir da fertilidade e da produtividade e reforça a existência social. Fortemente influenciada pela inteligência emocional, está intimamente ligada à existência comunitária. O fato de as mulheres não ocuparem um lugar de destaque nas guerras por poder com base no produto excedente deve-se a sua posição na vida social.

É necessário assinalar uma característica que tem sido institucionalizada nas sociedades civilizadas, que é a tendência da sociedade para as relações de poder. Assim como foi necessária a conversão das mulheres em donas de casa para criá-las novamente, a sociedade precisava estar preparada para que o poder assegurasse a sua própria existência. A conversão das mulheres em donas de casa é a mais antiga forma de escravidão. O homem forte e o seu ambiente derrotaram a mulher-mãe e todos os aspectos do seu culto através de lutas longas e profundas. A conversão em dona de casa foi institucionalizada quando a sociedade machista tornou-se dominante. A discriminação por gênero não se restringe à noção das relações de poder entre mulheres e homens. Define as relações de poder que se espalharam para todos os níveis sociais. É indicativo do poder do Estado, que atingiu a sua capacidade máxima com a modernidade.

A discriminação de gênero teve duplo impacto destrutivo sobre a sociedade. Primeiro, abriu as portas da sociedade à escravidão. Em segundo lugar, todas as outras

formas de escravidão foram implementadas com base na conversão da dona de casa. A conversão em dona de casa não só tem como objetivo recriar um indivíduo como um objeto sexual, o que não é o resultado de uma característica biológica. A conversão da dona de casa é um processo inerentemente social e aponta para toda a sociedade. A escravidão, a subordinação, a sujeição a insultos, o pranto, o hábito de mentir, a falta de firmeza e o exibicionismo são aspectos reconhecidos dessa conversão e devem ser rejeitados pela ética da liberdade. É o alicerce de uma sociedade degradada e a base real da escravidão. É a base institucional sobre a qual se realizaram as mais antigas formas de escravidão e de imoralidade e tudo o que delas derivou. A sociedade civilizada reflete essa fundação em todas as categorias sociais. Para que o sistema funcione, toda a sociedade deve ser submetida à conversão em dona de casa. O poder é sinônimo de masculinidade. Assim, a sujeição da sociedade à conversão em dona de casa é inevitável, porque o poder não reconhece os princípios da liberdade e da igualdade. Se o fizesse, não poderia existir. O poder e o sexismo na sociedade compartilham a mesma essência.

Outra questão importante que devemos mencionar é a dependência e a opressão da juventude, estabelecidas pelo velho com experiência em uma sociedade hierárquica. Embora a experiência fortaleça os idosos, a idade os deixa fracos e impotentes. Isso empurra o velho a ganhar a cumplicidade do jovem por meio da conquista de sua mente. O patriarcado é grandemente fortalecido por esses meios. O poder físico da juventude lhe permite fazer o que quiser. Essa dependência dos jovens é perpetuada e continuamente se aprofunda. Não é fácil quebrar a superioridade da experiência e da ideologia. A juventude (e até mesmo as crianças) está dominada pelas mesmas estraté-

gias e táticas, propaganda ideológica e política e sistemas opressivos que a mulher: a adolescência, como a feminilidade, não é um fato físico, mas social.

Temos que entender bem isso: não é por acaso que a primeira autoridade poderosa que se estabeleceu foi sobre as mulheres. A mulher representa o poder da sociedade orgânica, natural e igualitária que não experimentou relações de opressão e de exploração. O patriarcado não poderia ter sido vitorioso se ela não tivesse sido derrotada; também não seria possível a transição para a instituição do Estado. Acabar com o poder da mulher-mãe, teve, portanto, um sentido estratégico. Não é à toa que foi um processo tão árduo.

Sem analisar o processo pelo qual a mulher foi derrotada socialmente, não se pode compreender corretamente as características fundamentais da cultura social resultante do macho dominante. Mesmo o conhecimento do estabelecimento social da masculinidade seria impossível. Sem entender como se formou socialmente a masculinidade, não se pode analisar a instituição do Estado e, portanto, definir com precisão a cultura da guerra e do poder relacionado à categoria de Estado. Saliento esse problema porque é preciso expor as personalidades divinizadas e macabras que se desenvolveram como resultado de todas as divisões de classe subsequentes, e todos os tipos de exploração e de assassinato que cometeram. A subordinação social das mulheres foi a contrarrevolução mais vil já realizada.

O poder atingiu sua capacidade máxima sob a forma de Estado-nação. Ele retira a sua força principalmente a partir do sexismo, que se expande e intensifica com a integração das mulheres ao mercado de trabalho, bem como através do nacionalismo e do militarismo. O sexismo, tal como o nacionalismo, é uma ideologia através da qual se gera poder e se constroem Estados-nação. O sexismo não

é um fato derivado de diferenças biológicas. Para o macho dominante, a mulher é um objeto que ele usa para realizar suas ambições. Da mesma forma, quando realizada a conversão da mulher em dona de casa, começa o processo de converter os homens em escravos; por conseguinte, as duas formas de escravidão se entrelaçam.

Em suma, as campanhas para excluir as mulheres e para suscitar a admiração pelo conquistador, pela estrutura de autoridade do guerreiro, estavam intimamente relacionadas. O Estado como instituição foi invenção dos homens, e as guerras de pilhagem e saques eram quase o seu único método de produção. A influência social da mulher com base na produção foi substituída pela influência social do homem com base em guerra e pilhagem. Há uma ligação direta entre o cativeiro das mulheres e a cultura social do guerreiro. A guerra não produz, mas captura e saqueia. Embora a força possa ser decisiva para o progresso social, sob certas condições específicas (por exemplo, através da resistência à ocupação, à invasão e ao colonialismo, o caminho para a liberdade fica pavimentado), é quase sempre destrutiva e negativa.

A cultura da violência que a sociedade internalizou prospera na guerra. A espada da guerra, empunhada na guerra do Estado e na mão do homem no seio da família, é símbolo de hegemonia. Toda a sociedade de classes, a partir da parte superior para os estratos mais baixos, está presa entre uma espada e a mão.

Isso é algo que eu sempre tentei entender: como é possível que o poder das mulheres tenha caído nas mãos do homem, que realmente não é nem produtivo nem criativo. A resposta está, obviamente, no papel desempenhado pela força. Quando também a economia foi retirada da mulher, o cativeiro atroz tornou-se inevitável.

6. A segunda grande ruptura sexual

Milênios depois do estabelecimento do patriarcado (o que denominei “a primeira grande ruptura sexual”) as mulheres sofreram novamente um ataque, do qual ainda não se recuperaram. Refiro-me à intensificação do patriarcado por meio das religiões monoteístas.

O pensamento dominante de repúdio à sociedade natural foi agravado pelo sistema social feudal. O pensamento religioso e filosófico tornou-se o pensamento dominante da nova sociedade. Da mesma forma em que a sociedade suméria sintetizara os valores da sociedade neolítica em seu novo sistema, a sociedade feudal sintetizou os valores morais das classes oprimidas do sistema antigo, e os grupos étnicos que resistiam em áreas remotas inseriram-se em suas próprias estruturas. A passagem do politeísmo ao monoteísmo desempenhou papel importante nesse processo.

As características mitológicas do pensamento se renovam com conceitos religiosos e filosóficos. O crescente poder do Império se reflete na multiplicidade de deuses sem poder que evoluiu para um Deus todo-poderoso e universal.

A cultura relacionada com as mulheres, desenvolvida pelas religiões monoteístas, resultou na segunda grande ruptura sexual. Enquanto a ruptura do período mitológico foi uma necessidade cultural, a do período monoteísta foi “a lei dada por Deus.” Tratar as mulheres como seres inferiores tornou-se agora mandato divino. A superioridade do homem na nova religião é ilustrada na relação entre o profeta Abraão e as mulheres Sara e Agar. O patriarcado fica agora bem estabelecido. Forma-se a instituição do concubinato e se aprova a poligamia. Como demonstrado pela relação amarga entre o profeta Moisés e sua irmã Mariam, a participação das mulheres no patrimônio cultural foi elimi-

nada. A sociedade do profeta Moisés era totalmente masculina, na qual não se concedia qualquer função às mulheres. Daí a luta com Mariam.

Durante o período do reino hebreu que cresceu pouco antes do final do primeiro milênio a.C., podemos observar, com Davi e Salomão, a transição para uma cultura generalizada de conversão em dona de casa. A mulher, sob a dupla dominação da cultura do patriarcado e do estado religioso, não desempenha nenhum papel público. A melhor mulher é a que melhor se adapta ao seu homem ou patriarca. A religião se torna uma ferramenta para caluniar as mulheres. Em princípio, ela (Eva) é a primeira mulher pecadora que seduz Adão e provoca a sua expulsão do paraíso. Lilit não se submete ao deus de Adão (uma figura patriarcal) e ajuda o chefe dos espíritos malignos (uma figura humana que se recusa à servidão e não obedece a Adão). Na verdade, a alegação sumeriana de que a mulher foi criada a partir da costela do homem está na Bíblia. Como mencionado acima, é exatamente o oposto da narrativa original: de criadora, a mulher passa a criada. As mulheres quase não são mencionadas como profetas nas tradições religiosas. Sua sexualidade é vista como o mal mais depreciável e tem sido constantemente vilipendiada e conspurcada. A mulher, que ainda tinha um lugar de honra nas sociedades suméria e egípcia, torna-se agora uma figura de desonra, de pecado e de sedução.

Com a chegada do período do profeta Jesus, aparece a figura de Maria mãe. Embora seja a mãe do filho de Deus, não há nenhum sinal de sua origem divina. Uma mãe extremamente tranquila e chorosa (sem o título de deusa!) substituiu as deusas-mães. A queda continua. É bastante irônico que uma simples mulher seja fecundada por Deus. De fato, a trindade do pai, do filho e do Espí-

rito Santo representa a síntese de religiões politeístas e do monoteísmo. Embora Maria devesse ter sido considerada também uma divindade, é vista como mero instrumento do Espírito Santo. Isso indica que a divindade se tornou exclusivamente masculina. Nos períodos sumério e egípcio, deuses e deusas eram quase iguais. Mesmo durante a época da Babilônia, a voz das deusas-mães ainda era ouvida claramente e com força.

A mulher não tinha nenhum papel social, exceto o de ser a mulher de sua casa. Seu dever principal era cuidar de seus filhos varões, os “deuses-filhos”, cujo valor tinha crescido em relação ao período mitológico. A esfera pública lhe foi totalmente vetada. A prática cristã de mulheres santas virgens provocou de fato o refúgio em isolamento para encontrar a salvação dos pecados. Pelo menos, essa vida santa, de clausura, oferecia uma liberação do sexismo e da condenação. Há razões materiais e espirituais de peso para escolher a vida em um claustro frente a uma vida familiar infernal. Quase podemos chamar essa instituição de o primeiro partido das mulheres pobres. A monogamia, que estava bem estabelecida no judaísmo, foi adotada e santificada pelo cristianismo. Essa prática exerce papel importante na história da civilização europeia. Um aspecto negativo é que as mulheres são consideradas objetos sexuais na civilização europeia, porque aos católicos não é permitido o divórcio.

Com o advento do profeta Muhammad e do Islã, o *status* das mulheres na cultura patriarcal das tribos do deserto melhorou de alguma forma. Mas, em essência, o Islã é baseado na cultura de Abraão; as mulheres tinham o mesmo *status* durante o período do profeta Muhammad que tinham no período de David e Salomão. Como, então, os casamentos múltiplos foram legitimados por razões políticas, ter inúmeras concubinas foi legitimado. Embora o Islã

restringa o casamento a quatro mulheres, isso essencialmente não muda nada, porque a posse de haréns e concubinas tornou-se institucionalizada.

Tanto a cultura cristã quanto a islâmica estagnaram em termos de superação da sociedade machista. As regras do cristianismo em relação às mulheres e à sexualidade em geral estão na raiz da crise da vida monogâmica moderna. Essa é a realidade que está por trás da crise da cultura machista da sociedade ocidental. Isso também não pode ser resolvido através do celibato, como é exigido de padres e freiras. A solução islâmica para dar prioridade à satisfação sexual masculina, com muitas mulheres como esposas e concubinas, fracassou. Em essência, o harém é nada mais do que um bordel privado para uso exclusivo da pessoa privilegiada. As práticas sociais sexistas do harém e da poligamia têm desempenhado papel importante no fato de que a sociedade do Oriente Médio está ficando para trás em relação à sociedade ocidental. Enquanto a repressão da sexualidade pelo cristianismo é um fator que levou à modernidade, o apoio à satisfação sexual excessiva é um fator que levou o Islã a retroceder a um estado pior do que o da antiga sociedade tribal do deserto e a ser ultrapassado pela sociedade ocidental moderna.

O efeito do sexismo no desenvolvimento da sociedade é muito maior do que supomos. Quando analisamos o crescente racha entre o desenvolvimento social oriental e o ocidental, devemos nos concentrar sobre o papel do sexismo. A percepção do sexismo do Islã produziu resultados muito mais negativos do que o da civilização ocidental no que se refere à profunda escravização de mulheres e ao domínio masculino.

A servidão da sociedade não é apenas um fenômeno de classes. Há uma ordem de subjugação que está bem mais

profundamente escondida do que o próprio sistema de escravidão. Suavizar essa realidade ajuda a fortalecer o sistema. O paradigma fundamental da sociedade é um sistema de servidão que não tem começo nem fim.

7. Família, dinastia e Estado

Já mencionei a profunda relação existente entre as relações de poder dentro da família patriarcal e o Estado. Esse assunto merece uma análise mais extensa.

Os pilares da ideologia dinástica são a família patriarcal, a paternidade e o fato de ter muitos filhos varões. Isso nos leva de volta à compreensão do poder político no sistema patriarcal. Enquanto o sacerdote estabelecia o seu poder através de sua assim chamada capacidade de dar e interpretar o significado, o homem forte estabelecia a sua liderança através do uso do poder político. O poder político pode ser entendido como o uso da força quando a liderança não é alcançada. Além disso, o poder do sacerdote é baseado em “a ira de Deus” quando os seus mandatos não são cumpridos. É um poder espiritual e, portanto, tem efeito estimulante. A verdadeira fonte do poder político é o séquito militar do homem forte.

A dinastia, como ideologia, na prática se desenvolveu dando a volta nesse sistema. Na ordem patriarcal, o governo se enraizou como resultado da aliança entre o “velho homem experiente”, o “homem forte” com sua comitiva militar e o xamã que, como líder sagrado, foi o precursor do sacerdote.

O sistema dinástico deve ser tratado como um todo integrado, em que a ideologia e a estrutura não podem ser separadas. Ele foi desenvolvido a partir do sistema tribal,

mas foi estabelecido como a classe alta do núcleo familiar administrativo, negando, assim, o sistema tribal. Tem uma hierarquia muito rigorosa. É uma classe protogovernante, o protótipo do poder e do Estado. Depende dos homens e dos meninos; ter muitos é importante para ter poder. Consequência disso foram a poligamia, o harém e o sistema de concubinato. A prioridade da dinastia é a criação de poder e do Estado. Ainda mais importante, a dinastia foi a primeira instituição que protegia seu próprio clã e tribos, enquanto os outros sistemas tribais se acostumavam à divisão em classes e à escravidão. Na civilização do Oriente Médio, essa instituição se enraizou de tal modo que não há quase nenhum poder ou Estado que não seja uma dinastia. Ao estabelecer um campo de treinamento para o poder e o Estado, perpetua-se continuamente e é muito difícil de superar.

Cada homem dentro da família se considera o proprietário de um pequeno reino. Essa ideologia dinástica é a razão autêntica pela qual a família é assunto tão importante. Quanto maior é o número de mulheres e de crianças que pertencem à família, maior segurança e dignidade alcança o homem. É importante analisar também a família atual como instituição ideológica. Se eliminássemos a mulher e a família do sistema civilizado, seu poder e o do Estado se reduziriam muito para constituir a ordem. Mas o preço disso seria uma existência dolorosa, empobrecida, degradada e derrotada da mulher sob um estado de guerra de baixa intensidade permanente. O monopólio masculino que se manteve sobre a vida e o mundo das mulheres ao longo da história não é diferente da cadeia que os monopólios mais importantes mantêm sobre a sociedade. Ainda mais importante, é o monopólio de poder mais antigo. Poderíamos extrair conclusões mais realistas se avaliássemos a existência

da mulher como o fenômeno colonial mais antigo. Seria mais correto denominar as mulheres como o povo colonizado mais antigo que nunca se converteu em nação.

A família, nesse contexto social, desenvolve-se como o pequeno estado do homem. A família como instituição tem se aperfeiçoado continuamente ao longo da história da civilização, apenas pelo reforço que fornece ao aparelho do poder e do Estado. Primeiro, a família torna-se um suporte básico da sociedade estatal ao dar-lhe poder na pessoa do sexo masculino. Em segundo lugar, o trabalho constante e não remunerado das mulheres fica assegurado. Em terceiro, ela cria as crianças para manter as necessidades da população. Em quarto, ela difunde a escravidão e a imoralidade como modelo para toda a sociedade. A família, assim constituída, é a instituição em que a ideologia dinástica se torna funcional.

O principal obstáculo à liberdade no contexto social é, então, a família e o matrimônio. Quando a mulher se casa, é escravizada de fato. Não é possível imaginar outra instituição que escravize tanto como o matrimônio. As escravidões mais profundas são estabelecidas através da instituição do casamento, escravidões que se entrincheiraram dentro da família. Essa não é uma referência geral sobre compartilhar a vida ou ter relacionamentos que podem fazer sentido do ponto de vista da liberdade e da igualdade. O que é discutido aqui é o enraizado casamento clássico e a família. A propriedade absoluta das mulheres significa a sua exclusão de todos os cenários políticos, intelectuais, sociais e econômicos. Isso não pode ser facilmente restaurado. Portanto, faz-se necessário que haja uma revisão radical da família e do casamento, bem como o desenvolvimento de linhas de atuação destinadas à democracia, à liberdade e à igualdade. Casamentos ou relacionamentos que são basea-

dos em necessidades individuais ou sexuais e os conceitos de família tradicional podem gerar alguns dos desvios mais perigosos no caminho para uma vida livre. Nós não precisamos dessas associações, mas sim alcançar a igualdade de gênero e a democracia mediante a sociedade e com o desejo de uma vida confortável em comum. Isso só pode ser feito através da análise do pensamento e do ambiente político que produziu associações tão destrutivas.

A cultura dinástica e da família que continua tendo tanto poder na atual sociedade do Oriente Médio é uma de suas principais fontes de problema, que deu lugar a uma população, a uma hegemonia e a ambições excessivas no sentido de participar do poder do Estado. A degradação das mulheres, a desigualdade, as crianças sem acesso à educação, as disputas familiares e as questões de honra estão todas relacionadas com a família. É como se um pequeno modelo dos problemas intrínsecos do poder e do Estado estivesse estabelecido dentro da família. Por isso, é fundamental analisar a família para poder analisar o poder, o Estado, a classe e a sociedade.

O Estado e os centros de poder outorgaram ao homem-pai uma cópia de sua própria autoridade e o fizeram desempenhar esse papel. Desse modo, a família se converteu na ferramenta mais importante para legitimar os monopólios. Converteu-se em fonte de escravos, servos, operários, soldados e produtores de todo tipo de serviços necessários para os círculos capitalistas dominantes. Por isso, deram tanta importância à família, por isso a santificaram. Ainda que o trabalho da mulher seja a maior fonte de benefícios para o mundo capitalista, isso foi oculto mediante o acréscimo de encargos à família. A família se converteu no seguro do sistema e, portanto, será inevitavelmente perpetuada.

A crítica da família é fundamental. Os restos do pas-

sado patriarcal e das sociedades estatais e os modelos da civilização ocidental moderna não criaram uma síntese, mas sim uma paralisia no Oriente Médio. O impasse criado na família é ainda mais complicado do que o do Estado. Se a família continua a manter a sua força contra outros laços sociais que estão a desaparecer rapidamente, é porque é o único abrigo social disponível. Não devemos deixar de contar com a família. No caso de se examinar em profundidade, a família pode se tornar o esteio da sociedade democrática. Não só as mulheres, mas toda a família devem ser analisadas como o suporte do poder; senão, vamos deixar a implementação e o ideal da civilização democrática sem o seu elemento mais importante.

A família não é uma instituição social que deva ser derubada, mas precisa sim ser transformada. O capital (em todas as suas formas) e as relações de poder não devem ter lugar na relação dos casais. A criação dos filhos como motivação para manter a instituição deve ser eliminada. A orientação ideal da associação homem-mulher está fundada na filosofia da liberdade, entregue à sociedade ética e política. Nesse quadro, a família transformada será a melhor garantia da civilização democrática e uma das relações fundamentais dentro dessa ordem. O companheirismo natural é mais importante do que a relação de casal oficial. O casal deveria aceitar sempre o direito do outro de viver sozinho. Não se pode atuar de maneira escravocrata ou temerária em uma relação.

Evidentemente, a família experimentará sua transformação mais significativa durante a civilização democrática. Se a mulher, que foi despojada de muito da sua força e respeito, não os recuperar, não serão possíveis uniões familiares significativas. Não pode haver respeito por uma família que tenha como base a ignorância. Na construção da civilização democrática, o papel da família é vital.

8. A situação das mulheres na sociedade curda

Até agora descrevi certas características gerais da sociedade sexista. Permitam-me concluir esta análise com algumas observações sobre as mulheres curdas.

A transição da civilização suméria para a hitita conduziu os protocurdos a fortalecerem sua existência tribal. Uma vez que a criação de um estado prematuro havia provocado sua eliminação, parece que preferiram um estilo de vida seminômade, de semiguerrilha. Ao aumentar o número de estados estabelecidos ao seu redor, sentiram a necessidade crescente de fortalecer suas estruturas tribais. O tribalismo curdo se parecia com o estilo de vida de um grupo de guerrilha. Se observarmos com mais atenção a família dentro da organização tribal, veremos a preponderância do matriarcado e da liberdade. As mulheres eram muito influentes e livres. A atitude de alerta, a força e o valor das atuais mulheres curdas provêm dessa antiga tradição histórica. No entanto, um aspecto negativo da vida tribal é que as oportunidades de fazer uma transição para uma sociedade mais desenvolvida ficam limitadas.

Não é por acaso que, entre os povos do Oriente Médio, os curdos são aqueles que têm a sensação de liberdade mais desenvolvida. Podemos observar isso em seu desenvolvimento histórico. A ausência prolongada das classes dominantes e exploradoras e a incapacidade de gerar qualquer valor positivo para a sua comunidade, além do fato de que em toda a sua história os curdos tiveram que enfrentar a natureza e as incursões estrangeiras, têm contribuído para o desenvolvimento dessa característica. O fato de que as mulheres na sociedade curda são mais proeminentes do que em outras sociedades do Oriente Médio é devido a essa realidade histórica.

Na verdade, a situação atual das mulheres na sociedade curda demanda uma análise em profundidade. A situação das mulheres em todo o mundo é ruim, mas a das mulheres curdas é de uma escravidão terrível e única em muitos aspectos. De fato, a situação das mulheres e das crianças é espantosa.

Apesar de no Curdistão a família ser considerada sagrada, ela foi esmagada: em especial como resultado da falta de liberdade, das dificuldades econômicas, da falta de educação e dos problemas de saúde. O fenômeno dos chamados assassinatos de honra é a vingança simbólica pelo que ocorreu na sociedade em geral. A mulher está pagando pela destruição da honra da sociedade. A perda da masculinidade é paga com as mulheres. Exceto na questão da honra da mulher, o homem curdo, que perdeu ambos, o poder moral e o político, não dispõe de outra esfera para demonstrar seu poder ou a falta de poder.

Sob as atuais circunstâncias, a crise da família poderia ser resolvida se uma democratização geral da sociedade ocorresse. A educação e a transmissão na língua materna poderiam eliminar parcialmente a falta de identidade. O casamento, as relações entre marido, esposa e filhos sequer ultrapassaram as das antigas relações feudais, quando as relações impiedosas do capitalismo os sitiaram e transformaram sua vida em uma autêntica prisão.

Em sua batalha pela liberdade do povo curdo, o PKK não só lutou contra os efeitos paralisantes do colonialismo; acima de tudo, lutou contra o feudalismo interno, para alterar o *status* das mulheres e acabar com a escravidão da sociedade em geral. As mulheres entraram maciçamente nessa luta não só para resistir ao colonialismo, mas também para acabar com o feudalismo interno e exigir a liberdade. Desde os anos 1980, isso significou que as mulheres curdas,

tanto dentro como fora da organização, se auto-organizaram como movimento e assumiram decisões que as afetam não apenas como mulheres, mas também dizem respeito à sociedade em geral. Tentei apoiá-las de todas as maneiras possíveis, tanto na teoria como na prática.

9. O capitalismo

Uma definição realista do capitalismo não deveria apresentá-lo como uma constante criada e caracterizada pelo pensamento e pela ação centralizada. Provém, em essência, das ações de indivíduos e de grupos oportunistas que se estabeleceram nas aberturas e nas rachaduras existentes na sociedade como potencial produtora de excedentes; essas ações se fizeram sistemáticas, uma vez que mordiscavam incessantemente o excedente social.

Tais grupos e indivíduos nunca representaram mais de 1% ou 2% da sociedade. Sua força reside em seu oportunismo e na sua sagacidade para organizar-se. Sua vitória não somente se deve a sua habilidade de organização, mas também ao seu controle sobre os bens necessários e sobre a flutuação dos preços no ponto de interseção entre a oferta e a demanda. Se as forças sociais oficiais não os suprimem, mas, em lugar disso, aproveitam-se de seus benefícios, dando-lhes, em troca, apoio contínuo, então, esses grupos que existem nas margens de todas as sociedades podem legitimar-se como seus novos senhores. Ao longo da história da civilização e, em especial, nas sociedades do Oriente Médio, esses grupos marginais de usurários existiram sempre. Mas, devido ao ódio que a sociedade sentia deles, nunca tinham tido valor suficiente para sair à luz das cloacas onde residiam. Sequer os administradores mais despóticos ti-

veram a coragem de legitimar esses grupos. Não somente eram vituperados, mas eram considerados também como o poder de corrupção mais perigoso. Sua ética era considerada a raiz de todo o mal. Na verdade, a enorme onda de guerras, saques, massacres e exploração que se originou da Europa Ocidental ao longo dos últimos quatro anos é, em grande parte, o resultado da hegemonia do sistema capitalista. (Mas, então, o maior contra-ataque também ocorreu na Europa Ocidental, por isso não pode ser considerado uma perda total para a humanidade).

O capitalismo e o Estado-nação representam o macho dominante de maneira mais institucionalizada. A sociedade capitalista é a continuação e a culminação de todas as antigas sociedades exploradoras. É uma guerra contínua contra a sociedade e contra a mulher. Para dizer tudo isso de forma sucinta, o capitalismo e o Estado-nação são o monopólio do macho tirânico e explorador.

Acabar com esse monopólio será talvez mais difícil do que decompor o átomo. Um dos principais objetivos da hegemonia ideológica do capitalismo moderno está em apagar todos os vestígios dos fatos históricos e sociais relacionados com a sua concepção e essência. Isso ocorre porque a forma econômica e social do capitalismo não é uma necessidade social e histórica, é uma construção forjada através de um processo complexo. Religião e filosofia tornaram-se nacionalismo, a divindade Estado-nação. O objetivo final de sua guerra ideológica é garantir seu monopólio sobre o pensamento. Suas principais armas são a religiosidade, a discriminação de gênero e a ciência como religião positivista. Sem hegemonia ideológica, apenas com a política e a repressão militar, a manutenção da modernidade será impossível. Enquanto o capitalismo usa a religião para controlar o conhecimento da sociedade, usa o nacionalismo

para o domínio das classes e da cidadania, fenômeno que tem aumentado nesse sistema. O objetivo da discriminação de gênero é negar às mulheres qualquer esperança de mudança. A maneira mais eficaz para operar a ideologia sexista é colocar o homem em relações de poder e anular a mulher por intermédio da violação contínua. Através do cientificismo positivista, o capitalismo neutraliza o mundo acadêmico e a juventude, ao convencê-los de que sua única opção é integrar-se ao sistema, o que é assegurado em troca de certas concessões.

Da mesma forma que todos os sistemas sociais repressivos e exploradores, o capitalismo não poderia desenvolver-se sem estabelecer um Estado. Enquanto o dogmatismo do sistema feudal tinha um caráter religioso, o da sociedade arcaica escravagista tinha um caráter mitológico. Deus se encarnava no rei e na dinastia, e atualmente é apresentado como o poder invisível na nobre existência do Estado.

Quando o capitalismo viu a oportunidade de se converter em um sistema, começou por eliminar todas as sociedades fundadas na cultura da mãe-mulher. Durante a primeira modernidade, a força da sociabilidade feminina que lutava por subsistir foi queimada na fogueira do caçador de bruxas. Essas incinerações foram ferramentas úteis para estabelecer a sua hegemonia sobre as mulheres e sua escravização total. Em parte por essa extensa queima, atualmente, a mulher está a serviço do sistema. O medo interiorizado à fogueira colocou-a na Europa sob total servidão ao homem.

Depois de eliminar as mulheres, o sistema destruiu de forma desumana a sociedade agrária e a da vila. Enquanto existisse uma sociedade democrática e comunitária, o capitalismo não poderia obter o máximo poder e benefícios. Portanto, esse tipo de sociabilidade foi inevitavelmente ani-

quilado. Assim, a subjugação total da escrava mais antiga, a mulher, converteu-se no modelo para as outras vidas escravizadas: as dos filhos e as dos homens.

O poder político e o militar desempenham papel muito importante na manutenção da hegemonia do sistema capitalista. Mas o que é fundamental é possuir e, consequentemente, paralisar a sociedade através da indústria cultural. A mentalidade das comunidades tem sido enfraquecida, e os seus membros têm acreditado no sistema. Muitos filósofos proclamam que a sociedade tornou-se uma sociedade do espetáculo, como um zoológico. Sexo, esportes, artes e indústrias culturais combinados e em série bombardeiam a inteligência emocional e analítica incessantemente, através da implantação múltipla de propaganda. Como resultado, tanto a inteligência emocional como a analítica tornaram-se totalmente disfuncionais, e a conquista do pensamento da sociedade está completa.

O que é preocupante é a aceitação voluntária desse cativo por parte da sociedade, das indústrias combinadas de cultura e de sexo, e, além disso, percebê-lo como um desperdício de liberdade! Essa é a base e a ferramenta de legitimação mais forte que têm os governantes. O capitalismo só pode chegar à fase imperial com a ajuda da indústria cultural. Portanto, a batalha contra a hegemonia cultural exige a mais difícil de todas as lutas, a luta mental. Até que nós desenvolvamos e organizemos os conteúdos e a forma de um contra-ataque à guerra cultural travada pelo sistema através de suas invasões, da assimilação e da industrialização, nenhuma luta pela liberdade, pela igualdade e pela democracia tem chance de sucesso.

A modernidade capitalista é um sistema fundado na negação do amor. Sua negação da sociedade, o individualismo desenfreado, a discriminação de gênero em todos os

campos, a deificação do dinheiro, a substituição de Deus pelo Estado-nação e a conversão da mulher em autômato, que recebe mísero ou nenhum pagamento, não deixam tampouco lugar material para o amor.

10. A economia

A economia tornou-se um assunto que se supõe incompreensível para as pessoas comuns. Foi complicada intencionalmente, para mascarar a realidade. É a terceira força, atrás da ideologia e da violência, por meio da qual as mulheres e, mais tarde, a sociedade inteira foram aprisionadas e forçadas a aceitar sua dependência. Economia significa literalmente “propriedade da casa”, que era originalmente do domínio das mulheres, junto a outras seções fundamentais da sociedade que tratarei mais adiante.

Na organização das mulheres também existia a acumulação, mas nem o comerciante nem o mercado ficavam com ela. Era para a família. Nisso consiste a economia real e humanitária. Devido à difusão da cultura da doação, a acumulação não chegava a ser um perigo. A cultura da doação é uma forma importante de atividade econômica. É também compatível com o ritmo do desenvolvimento humano.

Enquanto a mulher era deslocada de forma geral da história da civilização, mas em particular do capitalismo moderno, os grandes homens tinham a oportunidade de distorcer o funcionamento da economia e, assim, convertê-la em um amontoado de problemas. Isso foi realizado por pessoas sem conexão orgânica com a economia, devido a sua enorme avidez pelo benefício e pelo poder. Por essa razão, colocaram todas as forças econômicas, em especial

a mulher, sob seu próprio controle. Como resultado, as forças do poder e do Estado cresceram de forma excessiva, como um tumor da sociedade, que chega a um ponto no qual já não se pode nem sustentar ou manter.

O problema econômico começa realmente quando as mulheres são excluídas da economia. Em essência, a economia é tudo o que tem a ver com alimento. Pode parecer estranho, mas eu acho que o verdadeiro gerador da economia ainda são as mulheres, apesar de todas as tentativas de derrubá-las e colonizá-las. Uma análise completa da economia mostra que as mulheres são a sua força fundamental. Na verdade, isso fica claro quando consideramos o seu papel na revolução agrícola, e como coletou as plantas por milhões de anos. Atualmente, não só ela trabalha em casa, mas em muitos domínios da vida econômica, em que é a que faz girar a roda. Depois das mulheres, aqueles classificados como escravos, servos e trabalhadores seriam os considerados geradores da economia. Eles foram mantidos sob controle contínuo e cruel para que os poderes da civilização possam medir seu excedente e valor. Os terceiros nessa linha são os artesãos, os pequenos comerciantes e os pequenos agricultores que estão um pouco mais livres. Nessa categoria podemos adicionar os artistas, os arquitetos, os engenheiros, os médicos e todos os trabalhadores por conta própria. Com isso, a imagem daqueles que criam e constituem a economia seria concluída.

O período mais brutal para as mulheres foi quando elas foram excluídas da economia durante a civilização capitalista. Podemos chamar esse fato de “a demissão das mulheres da economia”. Isso se tornou o paradoxo social mais marcante e profundo. Toda a população feminina foi deixada desempregada. Embora o trabalho da casa seja o mais difícil, não se lhe atribui qualquer valor. Ainda que

o dar à luz e o criar os filhos sejam as tarefas mais exigentes, nem sempre se reconhece sua importância, e, muitas vezes, são considerados meros problemas. A mulher, além de ser uma máquina reprodutiva, desempregada, barata de se comprar e que pode operar de forma gratuita, é usada como bode expiatório: a ela é atribuída a culpa por tudo o que está errado. Ao longo da história da civilização, tem sido localizada na parte inferior da sociedade, na qual realiza o trabalho de casa sem remuneração, a criação dos filhos e a manutenção da unidade familiar; tarefas que formam a base atual de acumulação capitalista. Na verdade, nenhuma outra sociedade teve o poder de desenvolver e sistematizar a exploração de mulheres no grau que o capitalismo tem feito.

Durante o período capitalista, ela tem sido alvo da desigualdade, sem liberdade ou democracia, não apenas em nível básico, mas em todos os níveis. Além disso, o poder da sociedade sexista foi realizado com tal intensidade e profundidade que a mulher tornou-se o objeto e o sujeito da indústria do sexo. A sociedade masculina dominante atingiu o ápice na civilização capitalista.

As mulheres e a economia são dois elementos interligados. Ao gerar economia segundo as necessidades fundamentais, a economia da mulher é a única que nunca cai, nunca causa poluição ambiental, nunca representa uma ameaça para o clima. Quando pararmos de produzir para o lucro, teremos alcançado a libertação do mundo. Isso, por sua vez, será a libertação da humanidade e da própria vida.

11. Matar o macho dominante: começando a terceira grande ruptura sexual

Ainda que a dominação masculina esteja profundamente institucionalizada, os homens também estão escravizados. O sistema se reproduz de fato no indivíduo masculino e no feminino e na relação entre eles. Portanto, se queremos derrubar o sistema, precisamos de um enfoque novo e radical sobre a mulher, o homem e a relação entre eles.

A história, em certo sentido, é a história do macho dominante, que ganhou força com o surgimento da sociedade de classes. O caráter da classe governante é formado em paralelo ao do macho dominante. Mais uma vez, a norma é validada através de mitologias e da ideia de punição divina. Sob essa máscara, a realidade da força bruta e a exploração atroz se escondem. Em nome da honra, o homem se apodera dos direitos das mulheres da forma mais insidiosa, traiçoeira e despótica. O fato de que, ao longo da história, as mulheres foram privadas da sua identidade e personalidade pelo homem (a cativa eterna) tem sido mais prejudicial do que a divisão de classes. O cativo das mulheres é uma medida do declínio geral e da escravização da sociedade em geral; é também medida de suas mentiras, dos seus roubos e de sua tirania. A personalidade social do macho dominante, até agora, nem mesmo permitiu a análise científica do fenômeno das mulheres.

A questão fundamental é porque o homem é tão ciumento, dominador e vil no que diz respeito às mulheres; porque ele continua a desempenhar o papel de violador. Sem dúvida, o estupro e a dominação são fenômenos que estão relacionados com a exploração social, refletem o estupro da sociedade através da hierarquia, do patriarcado e do poder. Se olharmos um pouco mais a fundo, veremos que

esses atos também expressam uma traição à vida. A dedicação multifacetada das mulheres à vida pode esclarecer a atitude machista do homem na sociedade. O sexismo social significa a perda da riqueza da vida sob a influência ofuscante e desgastante do sexismo e o consequente aumento da raiva, do estupro e das posturas de dominação.

Portanto, é imperativo abordar o problema do homem, que é muito mais grave do que a questão das mulheres. É talvez mais difícil de analisar os conceitos de dominação e poder, relativos ao homem. É o homem, não a mulher, que não quer se transformar. Teme que abandonar o papel de macho dominante o deixaria na posição do monarca que perdeu seu Estado. Ele deveria estar consciente de que essa forma de dominação tão vazia também o priva de liberdade e, ainda pior, anula qualquer possibilidade de mudança.

Para levar uma vida significativa, precisamos definir as mulheres e seu papel na vida social. Não deve ser uma definição de seus atributos biológicos e *status* social, mas uma análise de todos os conceitos fundamentais das mulheres como ser. Se pudermos definir a mulher, será possível definir o homem. Utilizar o homem como ponto de partida para definir a mulher ou a vida invalidará as interpretações, pois a existência natural das mulheres é mais central do que a dos homens. Embora a sociedade masculina dominante despreze a condição das mulheres e a considere insignificante, isso não deveria ser impedimento para chegar a uma compreensão válida da sua realidade.

É evidente que o físico da mulher não é deficiente ou inferior, pelo contrário, o corpo feminino é mais importante do que o do homem. Essa é a raiz dos exagerados e absurdos ciúmes do homem.

A consequência natural de suas diferenças físicas é que

a inteligência emocional das mulheres é muito maior do que a dos homens. A inteligência emocional está ligada à vida; é a inteligência que orienta a empatia e a simpatia. Mesmo quando a inteligência analítica das mulheres se desenvolve, sua inteligência emocional lhe fornece o talento de que precisa para uma vida equilibrada, para estar entregue à vida sem ser destrutiva.

Como se pode deduzir a partir desta breve análise, o homem é um sistema. O homem tornou-se um Estado e o converteu na cultura dominante. As opressões de classe e sexual se desenvolvem em conjunto; a masculinidade gerou um gênero governante, uma classe dirigente e um Estado soberano. Ao analisar o homem nesse contexto, fica claro que devemos aniquilar a masculinidade.

Claro, matar o homem dominante é o princípio fundamental do socialismo. Isso é o que significa matar o poder: matar a dominação unilateral, a desigualdade e a intolerância. Além disso, é matar o fascismo, a ditadura e o despotismo. Deveríamos expandir esse conceito para incluir todos esses aspectos.

É impossível libertar a vida sem uma revolução radical das mulheres para mudar a mentalidade do homem e sua vida. Se não formos capazes de alcançar a harmonia entre o homem e a vida, e a vida e as mulheres, a felicidade será apenas uma esperança vã. A revolução de gênero não se refere apenas às mulheres. Tem a ver com uma civilização da sociedade de classes com 5 mil anos de antiguidade, que deixou o homem em pior situação do que as mulheres. Essa revolução de gênero significaria, ao mesmo tempo, a libertação do homem.

Muitas vezes tenho escrito sobre o “divórcio total”, ou seja, a capacidade de se divorciar da cultura de dominação masculina de 5 mil anos de idade. As identidades de gênero

masculino e feminino que conhecemos hoje são construções sociais que se formaram muito depois do homem e da mulher biológicos. A mulher tem sido explorada por milhares de anos conforme essa identidade construída sem o reconhecimento do seu trabalho. O homem deve superar a consideração da mulher como esposa, irmã ou amante: estereótipos forjados pela tradição e pela modernidade.

É errado pretender abordar primeiro a questão do Estado antes da questão da família. Nenhum problema social grave pode ser entendido se for examinado de forma isolada. Um método muito mais eficaz é observar cada coisa dentro do todo, para dar significado a cada pergunta em relação às outras. Esse método também serve quando se tenta resolver problemas. Analisar o pensamento social sem analisar o Estado, analisar o Estado sem analisar a família e analisar as mulheres sem analisar o homem produziria resultados insuficientes. É necessário analisar esses fenômenos sociais como um todo integrado, caso contrário se chegará a soluções inadequadas.

As soluções para todos os problemas sociais no Oriente Médio deveriam se concentrar em torno da posição das mulheres. O principal objetivo para a próxima época deve ser realizado: a terceira grande ruptura sexual, desta vez contra o homem. Sem igualdade de gênero, nenhuma exigência de liberdade e de igualdade faz sentido. Na verdade, a liberdade e a igualdade não são alcançadas se a igualdade de gênero não é atingida. O elemento mais permanente e completo de democratização é a liberdade das mulheres. O sistema social é mais vulnerável devido a essa questão não resolvida: a mulher que foi convertida, primeiro, em propriedade e que hoje é completamente uma mercadoria, de corpo e alma. O papel desempenhado pela classe trabalhadora no passado agora deve ser

assumido pela irmandade das mulheres. Assim, antes de analisar as classes, devemos ser capazes de analisar a irmandade de mulheres: isso nos permitiria chegar a uma compreensão muito mais clara das questões de classe e de nacionalidade. A verdadeira liberdade das mulheres só será possível se as emoções escravizantes, as necessidades e os desejos do marido, pai, amante, irmão, amigo e filho forem excluídos. O amor mais profundo leva aos laços de propriedade mais perigosos. Não seremos capazes de discernir as características da mulher livre se não pudermos proceder a uma crítica rigorosa do pensamento e dos modelos religiosos e artísticos relacionados com as mulheres, que foram gerados pelo mundo dominado pelos homens.

A liberdade das mulheres não pode ser assumida simplesmente pelo fato de que a sociedade obteve liberdade e igualdade gerais. Uma organização específica é essencial, a liberdade das mulheres deveria ser de igual magnitude à sua definição como fenômeno. Claramente, um movimento de democratização geral também pode oferecer oportunidades para as mulheres. Mas isso não vai trazer a democracia por si só. É preciso que as mulheres determinem o seu próprio objetivo democrático e criem a organização e o trabalho para realizá-lo. Para alcançá-lo, para que as mulheres se livrem da escravidão internalizada, é essencial definir concretamente o que significa liberdade.

12. *Jineolojî*: a ciência da mulher

A eliminação das mulheres das posições e questões científicas nos obriga a buscar a alternativa radical.

Em primeiro lugar, é preciso saber como vencer no campo ideológico e como gerar um pensamento libertário

e natural contra a mentalidade dominante e ávida de poder do homem. Não devemos esquecer que a submissão clássica feminina não é física, mas social. Deve-se a uma escravidão arraigada. Portanto, a necessidade mais urgente é superar os pensamentos e emoções de submissão no campo ideológico.

Uma vez que a luta pela liberdade das mulheres é dirigida para o campo político, deve-se notar que esse é o aspecto mais difícil da batalha. Se não se atinge o poder politicamente, nenhuma outra conquista será permanente. A vitória política não significa iniciar um movimento estatista para as mulheres. Pelo contrário, envolve lutar com as estruturas estatais e hierárquicas, envolve a criação de partidos políticos que visem alcançar uma sociedade democrática, igualitária em gênero, ecologista e onde o Estado não seja o elemento essencial. Como a hierarquia e o estatismo não são facilmente compatíveis com a natureza feminina, um movimento libertador das mulheres deveria se esforçar para alcançar formações políticas anti-hierárquicas e não estatais. O colapso da escravidão na arena política só será possível se a reforma organizacional nesse campo for realizada com sucesso. A batalha política exige uma organização democrática e abrangente das mulheres e da luta. Todos os componentes da sociedade civil, os direitos humanos, os governos locais e a luta democrática deveriam estar organizados e avançados. Tal como acontece com o socialismo, a liberdade e a igualdade das mulheres só podem ser alcançadas através de uma luta democrática abrangente e bem-sucedida. Se a democracia não for realizada, nem a liberdade nem a igualdade serão conseguidas.

As questões relacionadas com a igualdade econômica e social também podem ser resolvidas com sucesso através de uma análise do poder político e da democratização. A

mera igualdade jurídica não significa nada sem a política democrática. Não contribui em nada na conquista da liberdade. Se não forem derrubadas as relações de propriedade e de poder que dominam e submetem as mulheres, tampouco serão alcançadas as relações livres entre mulheres e homens.

Embora a luta feminista tenha muitas facetas importantes, ainda existe um longo caminho a percorrer para superar as limitações impostas à democracia pelo Ocidente. Também não tem uma compreensão clara do que envolve o modo de vida capitalista. A situação é uma reminiscência da visão de Lenin da revolução socialista. Apesar do grande ímpeto e da vitória em muitas batalhas, o leninismo, finalmente, não pôde evitar dar a contribuição mais preciosa da esquerda ao capitalismo.

O mesmo poderia acontecer com o feminismo. As deficiências que enfraquecem os seus argumentos são: não ter uma forte base organizacional, a incapacidade de completar o desenvolvimento de sua filosofia e as dificuldades relacionadas com o movimento da mulher militante. Pode ser que sequer seja correto chamá-lo de “o socialismo real da frente das mulheres”, mas nossa análise desse movimento tem de reconhecer que foi a medida mais séria levada a efeito até agora para chamar a atenção sobre a questão da liberdade das mulheres. Salienta que é apenas a mulher oprimida do homem dominante. No entanto, a realidade das mulheres vai muito além de simplesmente ser um sexo à parte, pois tem uma dimensão econômica, sexual e política. Se considerarmos o colonialismo não só em termos de nação e país, mas também em termos de grupos de pessoas, podemos definir a mulher como o grupo colonizado mais antigo. Na verdade, nenhum outro ser social experimentou um colonialismo tão completo, de corpo e alma. Devemos

entender que a mulher é mantida em uma Colônia que não tem fronteiras facilmente identificáveis.

De acordo com o exposto, acredito que a chave para resolver os nossos problemas sociais será um movimento pela liberdade, igualdade e democracia das mulheres, um movimento baseado na ciência da mulher, chamada *jineolojiê* em curdo. A crítica dos recentes movimentos de mulheres não é suficiente para analisar e avaliar a história da civilização e da modernidade que quase faz as mulheres desaparecerem. Se no âmbito das ciências sociais raramente incluem temas, questões e movimentos de mulheres, isso é devido ao pensamento hegemônico da civilização e da modernidade e às estruturas da cultura material.

Além disso, as mulheres, como o elemento principal da ética e da sociedade política, têm de desempenhar um papel crítico na formação de uma ética e de uma estética da vida que reflita a liberdade, a igualdade e a democratização. A ciência ética e estética é parte integrante da *jineolojiê*. Por causa de suas responsabilidades importantes na vida, não hesitará em fazer as duas coisas: ser a intelectual e também realizar o desenvolvimento de processos e de oportunidades. A ligação das mulheres com a vida é mais completa do que a dos homens, o que lhes assegurou o desenvolvimento de sua inteligência emocional. Portanto, a estética, no sentido de tornar a vida mais bonita, é questão existencial para as mulheres. Eticamente, a mulher é mais responsável do que os homens. O olhar das mulheres no que diz respeito à ética e à sociedade política vai ser mais realista e responsável do que o dos homens. Portanto, está bem equipada para analisar, determinar e decidir sobre os bons e maus aspectos da educação, a importância da vida e da paz, a maldade e o horror da guerra e as medidas do que é adequado e justo. É por isso que seria conveniente incluir também a economia na *jineolojiê*.

13. A modernidade democrática: a era da revolução das mulheres

A liberdade das mulheres desempenhará um papel estabilizador e de nivelamento na formação da nova civilização, e ela tomará o seu lugar em condições de respeito pela liberdade e pela igualdade. Para conseguir isso, temos de trabalhar em nível teórico, programático, de organização e de implementação. A realidade das mulheres é fenômeno mais concreto e analisável do que conceitos como “proletariado” e “nação oprimida”. O grau de transformação possível da sociedade é determinado pelo grau de transformação que as mulheres consigam. Da mesma forma, seu nível de liberdade e de igualdade determina a liberdade e a igualdade de todos os setores da sociedade. Portanto, a democratização das mulheres é crucial para o estabelecimento permanente da democracia e da secularização. Para uma nação democrática, a liberdade das mulheres também tem grande importância, uma vez que a mulher liberada constitui uma sociedade liberada. A sociedade liberada constitui, por sua vez, uma nação democrática. Além disso, a necessidade de alterar a função do homem é de importância revolucionária.

O amanhecer de uma era de civilização democrática representa não só o renascimento dos povos, mas, de modo mais específico, a ascensão das mulheres. A mulher, que era a deusa criadora da sociedade neolítica, tem sofrido perdas incessantes ao longo da história da sociedade de classes. Inverter essa história vai acarretar inevitavelmente transformações sociais mais profundas. A mulher, renascida para a liberdade, adicionará a liberação, a ilustração e a justiça em geral, em todas as instituições, altas e baixas, da sociedade. Ela vai convencer a todos de que a paz, não a guerra, é

mais valiosa e deve ser desejada. O triunfo da mulher é o triunfo da sociedade e do indivíduo em todos os níveis. O século XXI deve ser a era do despertar, a era das mulheres liberadas e emancipadas. Isso é mais importante do que a libertação da classe ou a libertação nacional. A era da civilização democrática deverá ser a época em que as mulheres se erguerão e triunfarão completamente.

É realista considerar nosso século como o século no qual a vontade da mulher livre florescerá. Por isso, é preciso estabelecer instituições permanentes para a mulher e mantê-las durante, talvez, um século. São necessários Partidos para a Liberdade da Mulher. É vital também que se formem círculos ideológicos políticos e econômicos fundamentados na liberdade da mulher.

As mulheres em geral, mas mais especificamente as do Oriente Médio, são a força mais enérgica e ativa da sociedade democrática, devido às características acima descritas. A vitória final da sociedade democrática só será possível com a mulher. Cidades e mulheres foram devastadas pela sociedade de classes a partir do Neolítico. Serão elas, como agentes chave do progresso democrático, que agora não só se vingarão da história, mas formarão a antítese necessária, posicionando-se à esquerda da civilização democrática nascente. As mulheres são verdadeiramente os agentes sociais mais confiáveis no caminho para uma sociedade igualitária e libertária. No Oriente Médio, depende das mulheres e dos jovens garantir a antítese necessária para a democratização da sociedade. O despertar das mulheres e o fato de elas serem a força social de liderança nesse ambiente histórico têm valor de autêntica antítese.

Devido às características de classe das civilizações, o seu desenvolvimento foi baseado na dominação mas-

culina. Isso é o que coloca as mulheres na posição de antítese. Na verdade, para superar a divisão de classes da sociedade e a superioridade masculina, a sua posição adquire o valor de uma nova síntese. Portanto, a posição de liderança dos movimentos das mulheres na democratização da sociedade no Oriente Médio possui características históricas que a fazem tanto uma antítese (pelo fato de se desenvolver no Oriente Médio) quanto uma síntese (em âmbito global). Essa área de trabalho é a obra mais importante que já fiz. Eu acho que deveria ter prioridade sobre a libertação das pátrias e do trabalho. Se quiser ser um lutador pela liberdade, não posso ignorar isso: a libertação das mulheres é uma revolução dentro da revolução.

A missão fundamental da nova liderança é fornecer o poder intelectual e a vontade necessária para conseguir os três aspectos cruciais ao alcance de um sistema de modernidade democrática: uma sociedade que seja democrática, assim como ética de um ponto de vista tanto econômico como ecológico. Para conseguir isso, devemos estabelecer um número suficiente de estruturas acadêmicas com qualidade adequada. Não é suficiente criticar o mundo acadêmico moderno, pois precisamos desenvolver uma alternativa. Essas unidades acadêmicas alternativas deveriam ser criadas de acordo com as prioridades e necessidades em todos os campos sociais, tais como a economia e a tecnologia, a ecologia e a agricultura, as políticas democráticas, a segurança e a defesa, a cultura, a história, os campos de ciência e de filosofia, a religião e as artes. Sem uma forte estrutura acadêmica, os elementos da modernidade democrática não podem ser construídos. As estruturas acadêmicas e os elementos da modernidade democrática são igualmente importantes para atingir o sucesso. A inter-relação é uma

necessidade para alcançar o significado e o sucesso.

A luta pela liberdade (não só das mulheres, mas de todas as etnias e de todos os setores da comunidade) é tão antiga como a história da escravização e da exploração da humanidade. O anseio de liberdade é intrínseco à natureza humana.

Apreendeu-se muito com essas lutas, do mesmo modo que com a que mantemos ao longo dos últimos 40 anos. A sociedade democrática tem coexistido com diferentes sistemas de civilização dominante. A modernidade democrática, o sistema alternativo ao capitalismo moderno, é possível por meio de uma mudança radical no nosso pensamento e as correspondentes alterações, radicais e apropriadas, na nossa realidade material. Devemos criar essas mudanças juntos.

Finalmente, gostaria de salientar que a luta pela liberdade das mulheres deve ser feita através da criação de seus próprios partidos políticos, obtendo-se um movimento popular de mulheres através da construção de suas próprias organizações não governamentais e das estruturas da política democrática. Tudo isso tem de ser trabalhado ao mesmo tempo, simultaneamente. As melhores mulheres são capazes de escapar das garras da dominação masculina e da sociedade. As melhores serão capazes de viver e de agir de acordo com a sua iniciativa independente. Quanto mais as mulheres estiverem capacitadas, mais recuperarão a sua personalidade e identidade livres.

Portanto, apoiando a raiva das mulheres, o movimento de conhecimento e da liberdade é a maior demonstração de camaradagem e uma prova de humanidade. Estou confiante de que as mulheres, independentemente das suas diferenças culturais e étnicas, todas as que foram excluídas do sistema, terão sucesso. O século XXI será o século da libertação das mulheres.

Espero poder dar minhas próprias contribuições, não só escrevendo sobre esses temas, mas ajudando a pôr em prática as mudanças.

Sobre o autor

Abdullah Öcalan nasceu em 1949. Estudou Ciência Política em Ankara. Liderou ativamente a luta de libertação curda como líder do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) desde sua fundação em 1978 até sua detenção em 15 de fevereiro de 1999. Hoje, ainda é considerado um estrategista proeminente e dos mais importantes representantes políticos do povo curdo.

Sob a condição de isolamento na prisão da ilha de İmralı, Öcalan escreveu mais de dez livros que revolucionaram a política curda. Muitas vezes, ele deu início ao “cessar-fogo” unilateral da guerrilha e apresentou propostas construtivas para uma solução política da questão curda.

O atual “processo de paz”, que começou em 2009, surgiu com base em uma petição de Öcalan ao estado turco para solucionar politicamente a questão curda. Contudo, desde 27 de julho de 2011, é mantido de novo em isolamento quase total na prisão da ilha de İmralı.

Sobre *International Initiative*

Em 15 de fevereiro de 1999, o presidente do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, foi entregue à República da Turquia mediante operação clandestina realizada por uma aliança de serviços secretos dirigidos por seus correspondentes governos. Ante a ultrajante violação do Direito Internacional, diversos intelectuais e representantes de organizações civis lançaram uma iniciativa para a libertação de Abdullah Öcalan. Com a inauguração de um escritório de coordenação central em março de 1999, a *International Initiative* “*Libertad para Abdullah Öcalan – Paz en Kurdistán*” começou seu trabalho.

A *International Initiative* se considera uma iniciativa de paz plurinacional que trabalha pela solução pacífica e democrática da questão curda. Após longos anos de cativeiro, Abdullah Öcalan ainda é considerado o líder indiscutível para a maioria do povo curdo. Portanto, a solução da questão curda na Turquia estará intimamente ligada ao seu destino. Como principal arquiteto do processo de paz, é considerado, em todas as áreas, como pessoa chave para o seu sucesso, o que torna a liberdade de Öcalan uma questão de importância crescente.

A *International Initiative* se comprometeu a realizar esse objetivo. Atua por meio da difusão de informação, exercendo pressão e efetuando trabalhos de relações públicas, incluindo a organização de campanhas. Com a publicação das traduções dos escritos de prisão de Öcalan, espera contribuir para a melhor compreensão sobre as origens dos conflitos e suas possíveis soluções.

Publicações de Abdullah Öcalan

Livros

Escritos de prision III: Hoja de ruta. Hacia la paz en Kurdistan (2012)

Folhetos

Guerra y paz en Kurdistan (2008)

Confederalismo democratico (2011)

Mais informações e traduções a outros idiomas:

www.ocalan-books.com



www.laurocampos.org.br

fundacao@laurocampos.org.br

Al. Barão de Limeira, 1.400 - C. Elíseos - São Paulo | SP

Fotos: Kurdishstruggle

Este livro foi composto em Agaramond em corpo 11,5
e os títulos em corpo 13 bold.





A revolução liderada pelos curdos e curdas num território que se estende por quatro países diferentes (Síria, Turquia, Irã e Iraque) é um dos feitos mais impressionantes deste início de século XXI. Mas esse feito se mostra ainda mais extraordinário quando observamos o conteúdo dessa revolução: uma revolução feminista, radicalmente democrática e profundamente comprometida com o respeito ao meio ambiente. Esse processo extraordinário – liderado pelo lendário Abdullah Öcalan, principal preso político da Turquia – tem como uma de suas mais destacadas características o protagonismo das mulheres. Num momento em que o Brasil vive um fortalecimento da luta feminista, é um orgulho para a Fundação Lauro Campos fazer chegar ao público esta indispensável obra que fala da vida, da revolução e do papel das mulheres na transformação social.

Juliano Medeiros

Fundação Lauro Campos

LIBERTANDO A VIDA
**A REVOLUÇÃO DAS
MULHERES**



ISBN 978-85-61475-03-1



9 788561 475031


FUNDAÇÃO
**LAURO
CAMPOS**



SETORIAL NACIONAL DE MULHERES DO PSOL